

ristas, chronistas, criticos, reporters, autores e actores,—todos, *una voce*, declaram que viam no applauso, com que o publico victoriou as duas peças, um signal seguro e infallivel do renascimento do theatro. E todos, tambem *una voce*, affirmaram que se o poder publico quizesse proteger o nosso theatro, já ha muito tempo elle seria o que deve ser...

E não faltou quem visse na presença do Sr. Presidente da Republica, que assistiu á primeira representação d'*O Dote* de Arthur Azevedo, e da *Ultima Noite*, de Paulo Barreto, uma como promessa tacita feita por S. Ex., um como compromisso assumido no sentido de proteger a arte dramatica...

E' verdade que o Sr. Presidente da Republica esteve no theatro, na noite da primeira representação d'essas peças. Esteve; e por signal que os empzarios enfeitaram o camarote presidencial com umas cortinas tão velhas, de tão réles e desbotada chita, que aquillo realmente não parecia o camarote de um chefe de Estado, mas o coreto de um Imperador do Divino...

S. Ex. foi ao theatro, e gostou das peças e applaudiu os auctores,—e não fez com isso favor ás peças nem aos auctores, por que as peças são excellentes, e os auctores tem muito talento. Não creio que, se as peças fossem más, o publico as tivesse applaudido, unicamente para ter o gosto de concordar com S. Ex. E não creio tambem que, sendo ellas boas, como effectivamente são,—o publico as tivesse achado abominaveis, no caso de lhes ter negado o seu applauso o Chefe do Estado... Assim, não vejo bem em que, nem como, nem porque o comparecimento do Sr. Presidente da Republica pode ter significado uma victoria, ou uma promessa de victoria, para a tenaz e louvabilissima propaganda em que se empenha Arthur Azevedo, com todo o seu brilhante talento e toda a sua reconhecidissima competencia, em favor do Theatro Nacional.

Imaginemos que o Sr. Presidente da Republica dê agora para ir todas as noites ao

theatro: haverá alguém tão ingenuo que acredite ser isso o bastante para que o Theatro Nacional se regenere e progrida? Seria o cumulo da ingenuidade!



De certo, ha alguma razão poderosa e séria, capaz de explicar o abandono em que o publico tem deixado os theatros do Rio de Janeiro. E essa razão não é, não pode ser a falta de protecção dos poderes publicos.

Já não estamos na idade-media, nem no começo da idade moderna! A Arte, neste seculo, faz-se, desenvolve-se, affirma-se, sem precisar do apoio dos Grandes e dos Senhores,—até porque já não ha Senhores nem Grandes.

Um governo póde e deve dar hoje, a uma cidade ou a um paiz, agua, luz, esgotos, calçamentos, assistencia publica: mas não lhe póde dar Arte, porque o distinctivo mais claro da Arte moderna é justamente a sua completa autonomia, a sua absoluta e gloriosa independencia!

Qual será, então, a razão da decadencia do nosso theatro?

Será a falta de peças e de autores? Não póde ser! *O Dote* de Arthur Azevedo, e a *Ultima Noite* de Paulo Barreto, com o seu radiante "sucesso," ahi estão para eliminar essa hypothese.

Será a falta de actores? Tambem não! *O Dote* e a *Ultima Noite* foram optima-mente representados: todos os espectadores acharam a sua representação bem razoavel. E, ainda não ha muitos dias, Arthur Azevedo, que conhece as cousas do theatro como conhece a palma da sua propria mão, e sabe, muito mais do que eu, o que é um bom actor, escrevia n'*O Paiz* que "para melhorar as condições do nosso theatro, não é pessoal que nos falta..."

Uma ultima hypothese se apresenta: será a falta de gosto do publico? Mas, ha quinze ou vinte annos, o publico enchia os theatros! E é impossivel que esse pu-

KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. 20\$000 EXTERIOR. 25\$000
NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO IV

MARÇO 1907

N. 3

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CRONICA



As festas roquinas (aceitemos o neologismo) deveriam fornecer exclusivamente o assumpto a esta chronica. Mas já tanta cousa se escreveu sobre isso, ó deuses immortaes! Os noticiaristas já exgottaram todos os adjectivos, todas as hyberboles, todos os *ahs!* e todos os *ohs!* — encontro os cèlleiros vasios, e não sei o que possa dizer de cousa já tão dita, tão narrada, tão gabada.

Nós, os chronistas, somos como aquella meiga e desventurada Ruth, de que falla a Biblia, e que todas as tardes seguia os segadores, apanhando as espigas que elles deixavam cahir no chão. Somos como ella: quando chegamos ao campo, já os segadores, que são os noticiaristas da imprensa diaria, o devastaram e despojaram de tal modo, que somos obrigados a con-

tentar-nos, quando muito, com as espigas murchas que elles desprezam...

Não! não tratemos das festas com que o Rio de Janeiro e S. Paulo receberam o general Roca. Apagaram-se as luminarias recolheu-se ao seu ancoradouro habitual o galeão historico de D. João VI, desarvoraram-se as bandeiras, callaram-se as acclamações; o que lá vae, lá vae.. Tratemos de cousas que ficam, que continuam sendo nossas, e que reclamam attenção immediata.



Março não teve apenas um acontecimento politico,—essa tão celebrada visita do estadista argentino. Teve tambem um acontecimento artistico: a representação, em um dos theatros da cidade, de duas peças originaes. Dizer que isso foi um «acontecimento» — não basta. Para bem mostrar qual foi a repercussão do facto, é mister recorrer a um estrangeirismo, e dizer que elle foi «um successo». Noticia-

blico tenha perdido o gosto artistico, a ponto de desprezar hoje completamente aquillo que com tanto enthusiasmo apreciava ha quinze ou vinte annos...



Tenho uma ideia, que já me valeu muitos doestos anonymos, mas que cada vez me parece mais justa. Creio que o que nos falta, para que tenhamos Theatro, é... theatro. Theatro-casa, theatro-edificio, entenda-se bem. Porque, positivamente, não se póde dar o nome de *theatro* a qualquer desses pardieiros a que somos obrigados a ir, quando queremos ouvir uma peça. O *Lyrico* e o *S. Pedro* estão sempre fechados; o *Palace* e o *Moulin*, que são limpos e tem commodidade, nunca representam cousa séria. E os theatros (?) em que se representam peças que nos interessam, como *O Dote* e a *Ultima Noite*, — são modelos de incommodidade, de falta de limpeza e de fealdade.

Estive no theatro em que se representaram as peças de Arthur Azevedo e Paulo Barreto; estive lá, justamente na mesma noite em que lá esteve o Sr. Presidente da Republica; — e lá estive (ai de mim!) em companhia de tres estrangeiros, homens de imprensa, homens de fina educação, que haviam chegado na vespera ao Rio de Janeiro. Como eram homens de fina educação, nada me disseram do espanto que experimentavam, vendo-se naquelle galpão hediondo, velho, feio, sujo, incommodo, a que nós chamamos pomposamente — um theatro! Nada me disseram, mas o seu espanto claramente se lia nos olhos assombrados com que elles miravam tudo aquillo.

Já não me quero referir de novo á estupefactiva e inacreditavel decoraçáo daquelle camarote presidencial, que parecia

enfeitado com colchas velhas de hospedarías baratas... Mas aquellas cadeiras pequeninas trepadas umas sobre as outras, obrigando cada espectador a sentar-se no collo do espectador da esquerda e a carregar no seu proprio collo o espectador da direita! mas aquelle réles aspecto de theatro-trincho da rôça, construido e pintado por architectos e pintores de meia tigéla! mas aquelles corredores medonhos! mas aquelle botequim ignobil! mas aquelle jardim indecente!...

Ah! decididamente, é preciso ter coragem heroica para ir perder uma noite em tal lugar! E ninguem me tira da cabeça esta ideia: o publico deixa de ir ao theatro, unicamente porque não está disposto a sahir de lá com os rins moidos por aquelles assentos incommodos, e com as pernas devoradas por pulgas ferozes!



Hão-de descobrir talvez uma contradicção no que escrevo. Dirão talvez: "mas ha quinze annos, tal theatro era tão máu e tão sujo como é hoje, — e você diz que ha quinze annos o publico o frequentava...."

Não ha contradicção. Disse e repito que, em materia de educação e cultura artistica, o povo carióca não póde ter retrogradado: ao contrario, progrediu. Mas não progrediu sómente nisso. Progrediu tambem no modo de entender o aceio, a hygiene, o conforto. E é por isso que elle já não tolera hoje a falta de aceio, de hygiene e de conforto que tolerava outr'ora. O publico sabe hoje o que é limpeza, porque vê a cidade mais limpa do que antigamente: e é justo que não supporte os theatros (?) abominaveis que antigamente supportava...

O. B.

NO DIA 13 DE ABRIL,
IMPRESSO NAS OFFICINAS DE *KOSMOS*, SURGIRA Á LUZ

FON-FON!

SEMANARIO ALEGRE, POLITICO, CRITICO E ESFUZIANTE

Destinado a causar o mais legitimo, ruidoso e hilariante successo



SÃO REPRESENTANTES DESSA REVISTA, AUTORISADOS A RECEBER
TODAS AS ENCOMMENDAS, ASSIGNATURAS, ANNUNCIOS, ETC.

RIO GRANDE DO SUL—L. P. Barcellos & C.
SÃO PAULO—Gonçalves & Guimarães.
EXTREMO NORTE—J. Martins—BELEM.
ALAGOAS—M. G. da Fonseca.
PERNAMBUCO—José F. Amorim Silva.
BAHIA—Almeida & Irmão.
PARANÁ—Annibal Rocha & C.

A Columna Monumental

(PRETENÇÃO Á CHRONICA)

LES HOMMES BONS NE DISENT
JAMAIS LA VÉRITÉ; être bon d'une
telle façon est une maladie pour l'es-
prit.

ZARATHOUSTRA—Fréd. Nietzsche

Quid faciam?... sed sum petulanti
splene cachinno.

A. PERSIUS FLACCUS—Satyras.

ESTA minha bem amada cidade, terra de bravos tamoyos nas priscas éras da sua primitividade e depois metropole das capitánias no inicio da civilização, tão formosa, como sempre foi, e sempre desgrehada, descuidosa e canhêstra, deu agora p'ra elegancias e pretenções artisticas.

Não lhe censuro a tendencia, serodia embora! acho que lhe convêm galas, enfeites e atavios de boa escolha e proposito, e que lhe fica bem essa faceirice que mais realça o seu feitio creôlo de moreninha e fornida, o negrume dos seus olhos divinamente luminosos, a lubricidade da sua longa cabelleira cheirosa a baunilha ou bogarys... Enfeita-se, a rapariga; e bem faz, que o enfeite na mulher, quando ella é bonita, não lhe tira nem lhe põe encantos; é louçania, apenas.

Mas, ás vezes, a risonha e moça Carioca escolhe gemmas por demais improprias á sua natural formosura.

Assim foi que, não contente com as rendas cáras das suas avenidas, com os tecidos raros dos seus jardins, quiz mais e logo pensou em grandes lampadas electricas, a des-sorar claridade de perolas, todo um deslumbramento de escritorio no multicolor dos pequeninos astros de Edison, que a ornassem e augmentassem o brilho da sua eterna mocidade, já de si tão fulgurante!

E como sabem que lhe satisfazer caprichos é cahir nas suas graças, não faltou quem lhe offerecesse ou dêsse a irradiação das luzes. Houve até quem se lhe propuzesse augmentar o numero das estrellas no céu. Esse, porem, era um poeta... Ora, um poeta! e correram-no á bexiga de boi e silvos de garotagem.

Ella, entre cubiçosa e timida, sorrindo com esse sorriso que só ella tem na terra e os anjos no empyreo, aceitou offertas, destacando entre os novos adornos aquella columna de granito e bronze da pequenina, enviezada praça da Lapa, outr'ora lagôa do Des-terro.

Eu ficaria a lamental-a só commigo mesmo, muito calladinho para os outros, cá no meu canto de João Ninguem, se não percebesse naquella *joia* um perfido abuso da ingenuidade desta minha querida Carioca.



Porque, senhores, aquillo é simplesmente uma perversidade. Poder-se-á dizer que souberam dourar a pipula. O que alli vedes, o que alli está collocado, não é um alampadario ou seja, para concordancia com o tom figurado do que eu já disse, uma *joia*, joia de enfeite, tetéa de adorno, brinco de faceirice; é uma ironia, uma desrespeitosa ironia a esta cidade, a nós brasileiros e aos primeiros, laboriosos colonisadores desta terra, que mais não foram que seus honestos paes.

Olhae, senhores: em primeiro lugar, zombaram do bom gosto, do pretense culto entendimento da nossa Carioca, dando-lhe um pechisbéque por ouro fino; á tudo aquillo falta eurythmia, concatenação, logica componidora; não veio da mão cuidadosa e leve e dextra de um desenhista, habituado ao traço de filigranas; parece ter sahido da garra ossea e má de um rude esboçador de cousas rudes, a qual o demonio houvesse intencionalmente guiado. Olhae: em segundo lugar, cada porção, cada parte do que alli vedes, é nada mais nada menos que uma desprendida, audaciosa, calculada e injusta allusão.

O monumentalista (chamemol-o assim) cogitou do alcance do seu intento, combinou, ajustou, completou suas idéas e, se lhe não fôra a intencionalidade sarcastica, a obra teria sahido apreciavel nas suas qualidades artisticas. Despresando bons exemplos de mestres, as suas vistas procuraram fórmulas pouco usuas, não pelo que ellas trariam em novidade, em originalidade ou rebeldia, mas pelo que ellas tivessem de satisfactorio ao seu calculo. E assim o que lhe deu a forma do embasamento foi um castiçal. Um castiçal!... E porque? Pelo simples motivo do castiçal representar insignificancia de luz, donde a intenção de representar a nossa pequena capacidade mental, que, segundo a expressão alli intentada, pouco ultrapassa a de uma lamparina, quando muito se assemelha á claridade de uma vela, não obstante a *Luz Sterica* cantar em prosa e verso a excellencia da vela brasileira!

Ao demais o inventor d'aquillo teve segunda intenção, obedeceu á fórmula de um castiçal porque os castiçais sobrepostos a uma placa, seja concava ou chata, em relevo ou simples, são vulgarmente conhecidos por *palmatorias* e palmatoria recorda os castigos e violencias aos escravos negros, ainda não ha muitos annos libertos. Geralmente, por associações recordativas, reúne-se a fórmula de um castiçal á pratica de cerimoniaes funebres e, na mesma decorrença de imagens e idéas, a de um defunto, e quem diz defunto diz máo cheiro; pelo que se conclue, com boa

logica, que o pensamento do artista foi o de nos chamar povo *morto* e mal cheiroso, salvo se ha nisso uma indirecta ás nossas eleições em que os *defuntos votam*, segundo rezam as chronicas.

Depois, seguindo a linha da composição, vê-se um tóro ou tóco cintado por facha de bronze. O pensamento do *artista* está claro. Decompõe-se do seguinte modo: Tóco é pedaço, pedaço é sobejo, sobejo exprime imprestabilidade. A cinta de bronze, desde que se tenha a exégese do tóco, desvenda a allusão: imprestaveis vivendo num circulo de ferro... (o ferro não entrou alli ou porque o *monumentalista* temia o partidario mataesfola do marechal Floriano ou porque é metal que se enferruja) mas, evidentemente, representa a escravidão, o servilismo da nossa vida... Escravidão a que?...

Agora é que veremos. Logo sobre esta parte, vem um ornamento que se parece com um barrilote e, após, um conjuncto de cebollas e tamancos, geitosamente disfarçado em quinas e velame de náos.

Só não perceberá a allusão quem trouxer oculos de bœta. Os nossos antepassados, os nossos laboriosos trinca-fórtes, honestos pés de boi do trabalho, vinham em navios a véla e traziam tamancos, sendo um dos principaes generos do seu commercio a cebolla.

Assim posto, a leitura é simples, façamol-a: *povo sem luzes, castigador d'escravos, mal cheiroso (porco) imprestavel, tacanho, vivendo humilhado aos seus conquistadores primitivos que se recommendam pelos tamancos, do seu uso, e pelas cebollas, do seu commercio...*

E neste caso de cebollas não é preciso ser *alho* para se lhe apanhar a significação. Iam esquecendo do barrilote. Que pretenderá elle symbolisar?... O' senhores, nada mais claro!... O barril representa, como o caixo d'uvas e a parra, o culto de Baccho; sendo de marca pequena, isto é, quartola, a idéa do *pifão* fica de pé, e se lhe associa a de figura de Judas ou «typo de meia tijela».

Adiante. Acima do conjuncto de cebollas e tamancos, vê-se o quer que seja, uma geringonça qualquer, onde se enroscam damnas serpentes, que se estendem para o espaço, curvando SS bizzarros e petulantes. A cobra, como sabeis, é a perversidade, viscosa, repellente, esgueirante. Representa o mal e tambem a selvajaria. Immediatamente a esse covil de cobras encontra-se um pedaço de columna torcida ou retorcida, que tanto póde significar o largo do Pelourinho, em Lisboa, pela semelhança com o seu monumento, como póde referir-se ao cordel entrançado de um

chicote. E tudo aquillo é encimado por um globo, mais precisa e significativamente por uma bola.

Tal é a conclusão do monumentalista: ora bolas!

Sim, bem na merecemos nós, esta cidade, e os seus esforçados colonisadores...

Pelo que venho expondo, julgar-me-ão um descabellado fantasista ou, peor que isso, um satânico maldizente. Se assim lôr será clamorosa injustiça. Eu não tenho a menor prevenção contra o laureado auctor daquelle respeitavel (por varios titulos) monumento ou, ainda por concordancia com o tom figurado do preambulo, d'aquella preciosa joia. Antes, pelo contrario, curvava-me embasbacado em frente da sua grandeza, mórmente quando todas as lampadas resplandeciam; e, muitas vezes cheguei a me abraçar com o incomensurabilissimo archeologista A. V., da galante *Noticia*, que eu alli encontrava, por deshoras, babado e enternecido diante da resistencia invejavel das serpentes de bronze e com o qual, em honra da arte brasileira, em homenagem ao genio nacional ou semi-nacional, e mui especialmente em continencia ao vigor das sobreditas serpentes, irmãs caçulas dos jacarés do Passeio Publico, sahi pela praça em fóra, na calada da noite, a entoar o caracteristico:

Vem cá, mulata!

Irribus! p'ra que a gente é brasileira?...

Mas, uma vez, nem sei como foi isso, lendo n'um livro, ao qual me agarrei para dormir, que toda a obra de arte envolve um pensamento, puz-me a matutar na phrase e, tanto puxei pelo bestunto, que conclui ajuizadamente, muito bem sensatamente, pelo dever de procurar no alampadario da Lapa a sua grandiosa razão de ser.

E fui, e lá estive por horas longas, concentrado, a reflectir, a analysal-o. Cancei, confesso que cancei. Mas, quem não cança nesta vida? Que canceira, que suarenta can-

ceira, não sentiu o immortal artista, o genial artista, quando acabou de botar para fóra do seu fecundo cerebro aquella immensa coisa?!... Que trabalhadeira, Virgem Senhora do Bom-Successo!

Cancei, é verdade, mas consegui o quanto desejava. Infelizmente, a obra que eu admirei com todas as véras da minh'alma, perdeu a sua grandeza. Ai!... nunca devemos insistir no que admiramos...

Toda aquella fertilidade imaginativa, aquelle garbo de linhas nunca accessiveis aos gregos e aos italianos do Renascimento, se transmudaram na minha apreciação.

E nabo por nabo, cebolla por cebolla, perdão, quero dizer, ponto por ponto, detalhe por detalhe, fui estudando o monumento, decompondo-o, comprehendendo a sua intenção, desvendando o symbolismo dos seus ornamentos. E dizem os sabios que a luz espanca as trevas! Historias...

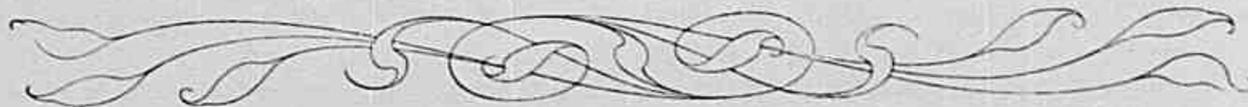
Não ha em todos estes vastos *brazis* nada mais illuminado do que a columna da Lapa; entretanto, ninguem lhe surprehendeu a intenção! Nem mesmo o super-perspicaz A V, da *Noticia*, que é um damnado para descobrir preciosidades archeologicas nas maravilhas dos nossos archi-engenhosos mestres de obras, do passado, nem esse, apesar de tremendamente archeologista, conseguiu a exégese daquelle monumento!

Aqui tens, minha formosa Carioca, o enfeite que te deram e que tu, ingenua e boa, acolheste agradecida. Puzeste-o no teu collo, sorriste contente, envaidecida; queres que todo o mundo t'o admire; mas, esse enfeite, é uma obra calculada, toda eriçada de ironias a ti propria e aos teus.

Olha bem em que dão os exaggeros. Toma tento.

Fevereiro de 1907.

J. MARCOS.



POR DARWIN

(CONTINUADO DO N. 2 D'ESTE ANNO)

HISTORIA DOS CRUSTACEOS

CAPITULO II

AS ESPECIES DE MELITA

Uma supposição falsa, quando as consequências que d'ella decorrem, se desdobram cada vez mais, conduz, cedo ou tarde, ao absurdo e á contradicções palpaveis.

Durante o periodo cruciante da duvida — e este não foi curto — em que o fiel da balança oscillava ante mim em perfeita incerteza entre os *pro* e os *contra*; e quando todo e qualquer facto conduzindo á uma prompta decisão teria sido bem vindo, não tive o menor trabalho em avaliar quaesquer contradicções entre as consequências fornecidas á classe dos crustaceos, pela theoria Darwinista. Pois eu não as encontrei, nem então nem depois. Aquellas que eu pensava ter achado, foram dissipadas em mais íntima consideração ou, converteram-se actualmte em sustentáculos para a theoria de Darwin.

Nem, tanto quanto eu saiba, qualquer das consequências *necessarias* das hypotheses de Darwin, foi provada, por quem quer que fosse, em clara e irreconciliavel contradicção. E entretanto, visto como existem os mais profundos investigadores do reino animal entre os antagonistas de Darwin, parece que devia lhes ser facil esmagal-o, de ha muito, sob a massa das illações absurdas e contradictorias, se taes decorressem da sua theoria.

A' esta falta de contradicções demonstradas, eu penso que podemos attribuir, justamente, a mesma importancia á favor de Darwin que os seus antagonistas attribuíram á ausencia de formas intermediarias, entre as especies dos diversos sedimentos geologicos.

Independentemente de que as razões que Darwin deu da conservação de taes formas intermediarias, sejam apenas excepçoes, a circumstancia por ultimo mencionada não será de grande significação, para todo aquelle que traçou o desenvolvimento de um animal, desde as larvas pescadas no oceano, e teve de procurar em vão, durante mezes e mesmo annos, por essas formas transicionaes que, apesar disso, veio a saber, formigavam em torno da sua pessoa, aos milhares.

Poucos exemplos mostrarão de que modo as contradicções podem surtir, em resultados necessarios das hypotheses Darwinistas.

Parece uma necessidade á todos os carangueijos que permanecem por longo tempo fóra d'agua (entretanto é sem consequencia para nós, aqui) a penetração do ar detrás para dentro da cavidade branchial. Agora, esses carangueijos que se tornaram mais ou menos alheios á agua, pertencem ás mais diversas familias — ás Raninideas (*Ranina*), ás Eriphineas (*Eriphia gonagra*), aos Grapsoideos (*Aratus*, *Sesarma* etc.) aos Ocypodideos (*Gelamus*, *Ocypoda*) etc.; e a separação d'estas familias deve ser, sem duvida alguma, referida á um periodo muito mais primitivo do que o habito de desprezar a agua, n'alguns de seus membros. As modificações relativas á respiração aerea, por isso, não poderiam ser herdadas de um antepassado commum e, quando muito, estar de accordo na sua construcção.

Se houvesse tal accordo, não referivel á semelhança accidental entre elles, esse teria de ser conduzido á balança, como peso contrario á correcção das vistas de Darwin.

Eu mostrarei, mais adiante, como o resultado neste caso, longe de apresentar taes contradicções, ficou na mais completa harmonia com o que poderia ser predito pela theoria de Darwin.

Um segundo exemplo. — Já estamos informados de quatro especies de *Melita* (*Melita valida*, *M. setipes*, *M. anisochir* e *M. fresnelii*) e eu posso addicionar uma quinta (fig. 1), nas quaes, o segundo par de patas supporta, em um lado, uma pequena mão de estructura commum e no outro, uma enorme pinça. Esta falta de symetria é algo de tão raro entre os Amphipodes e, a estructura da pinça differe tanto do que se vê no resto desta ordem e se assemelha, tão estreitamente, nas cinco especies que, se deve encaral-as, decididamente, como tendo partido de antepassados communs, pertencendo sómente a ellas, entre as especies conhecidas. Mas, á uma dessas especies, *Melita fresnelii*, descoberta por Savigny no Egypto, dizem faltar o flagello secundario das antenas anteriores. que ocorre nos outros. Da fidelidade de todas as obras de Savigny, pouco se póde duvidar na correcção d'esse facto. Agora, se a presença ou ausencia do flagello secundario, significa o caracter generico que lhe é geralmente attribuido; ou se houve outras differenças importantes, entre *Melita fresnelii* e as outras especies acima mencionadas, capazes de fazer natural, a separação de *M. fresnelii* em um genero distincto e, deixar os outros unidos ao resto das especies de *Melita* — isto é, no sentido da theoria Darwinista:

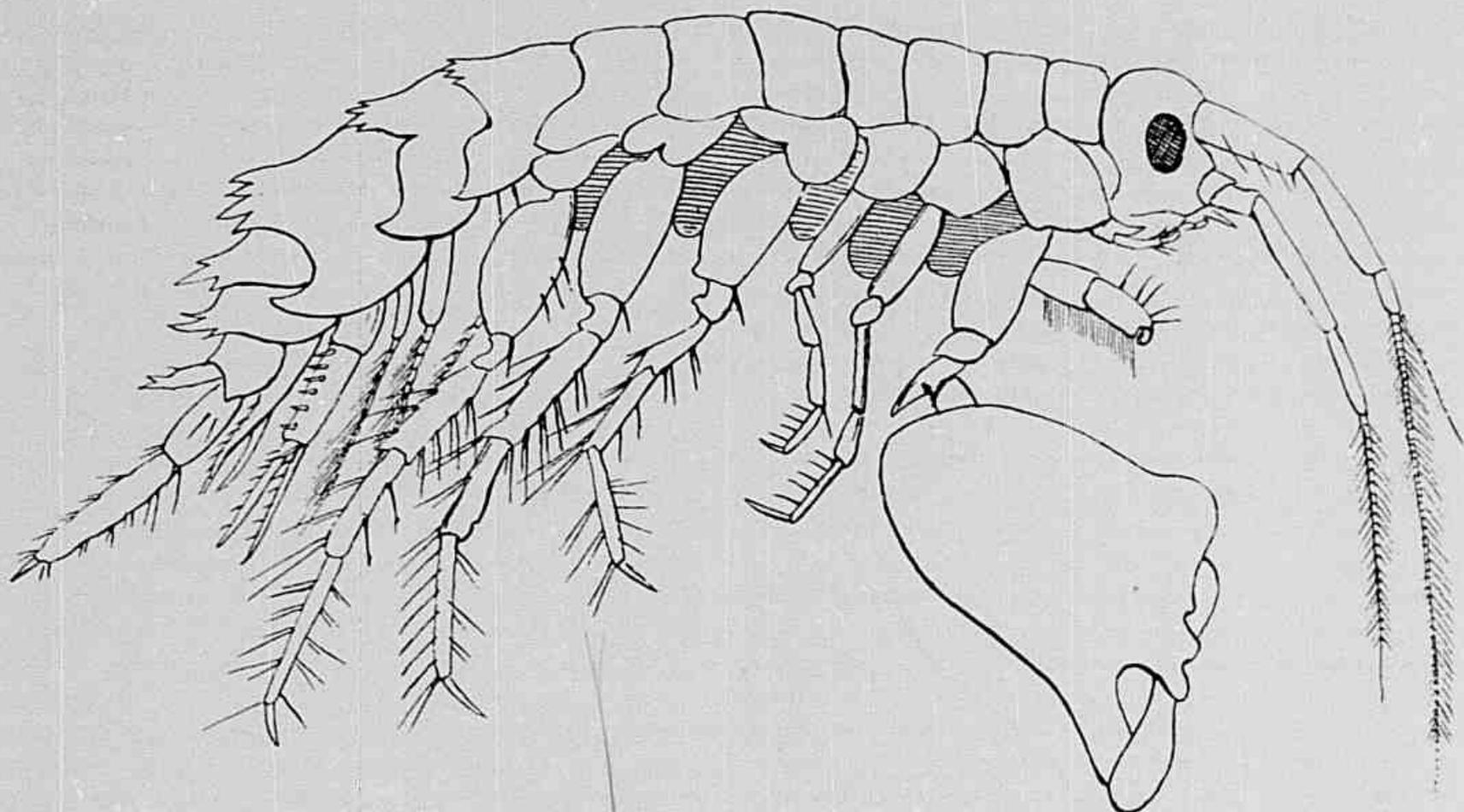
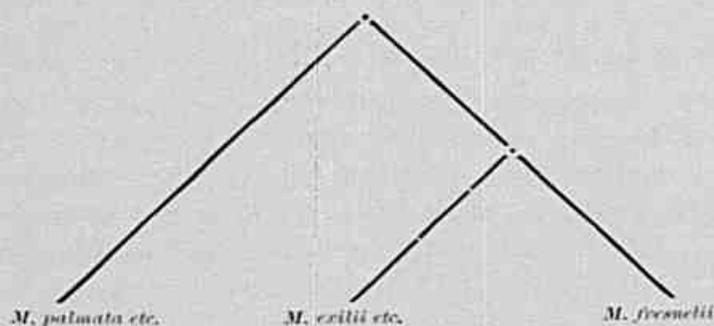


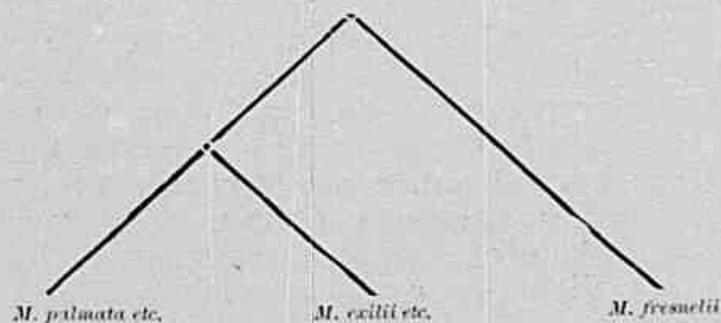
Fig. 1—*Melita exilii* n. sp., macho, augmentado 13 vezes. As largas lamellas branchiaes deixam-se ver por entre as bases das patas.

Se nós admittimos que todas as outras *Melitas* possuem antepassados communs que não são, ao mesmo tempo, os antepassados de *M. fresnelii*, — tal facto contraria a conclusão derivada da estrutura das pinças, de que *M. fresnelii* e as quatro outras especies acima mencionadas, possuiram antepassados communs que não eram, tambem, os das especies restantes de *Melita*. Seguir-se-hia :

Segundo a estrutura dos chelipedes



Segundo a presença ou ausencia do flagello secundario



Como, no primeiro caso, entre os carangueijos, uma relação de modificações produzidas independentemente uma das outras, seria uma circumstancia muito suspeita á theoria de Darwin, assim tambem seria, no segundo, qualquer differença mais profunda, do que a de especies muito proximamente alliadas.

Então me parece que o flagello secundario, de forma alguma pôde fornecer um motivo, para fazer duvidar da estreita relação entre *M. fresnelii* e *M. exilii*, etc., a qual é indicada pela estrutura peculiar do chelipede impar. Antes de tudo, devemos considerar a possibilidade do flagello secundario, que nem sempre é facil de isolar, ter sido desprezado por Savigny, como realmente Spence Bate supõe ter succedido. Se com effeito falta, deve-se notar — que eu o encontrei em especies dos generos *Leucothoe*, *Cyrtophium* e *Amphiochus*, generos em que elle foi omitido por Savigny, Dana e Spence Bate; — que uma especie provada pela forma dos epimeros (*coxa* Sp. B.) dos pés caudaes (*uropoda* Westw.), etc., ser uma verdadeira *Amphithoe*, (1) possue-o — que em muitas especies de *Cerapus* elle é reduzido a um rudimento apenas perceptivel; — ainda mais, que elle ás vezes está presente no joven e desaparece (talvez, não sem deixar algum traço) no adulto, como

(1) Aceito este e todos os outros generos dos Amphipodos aqui mencionados, com os limites que lhe foram assignados por Spence Bate (Catal. Amphipod Crust.)

Spence Bate descobriu ser o caso de *Acantho-*
notus owenii e *Atylus carinatus* e eu posso affir-
mar, com respeito a um *Atylus* destes mares, no-
tavel pelas suas branchias plumosas; — e que, de
tudo isto, agora, quando o numero crescente de
Amphipodes conhecidos e a sua divisão em ge-
neros numerosos dahi decurrentes, nos compelle
a descer á insignificantes caracteres distinctivos,
deveamos contudo, hesitar antes de empregar
o flagelo secundario como caracter generico.

O caso de *Melita fresnelii*, por isso, não
póde excitar duvida alguma pelo que diz res-
peito a theoria Darwinista.

CAPITULO III

MORPHOLOGIA DOS CRUSTACEOS AS LARVAS NAUPLIUS

Se a ausencia de contradicções entre as
consequencias deduzidas das vistas de Dar-
win, para uma secção estricta e, por tanto,
facilmente inspeccionada, devia nos predispor
á seu favor, seria um facto acolhido como um
triumpho positivo da sua theoria, se conclusões
chegadas de longe, fundadas sobre esta, pudes-
sem *subsequentemente* ser confirmadas por factos,
de cujo realdade a sciencia, no seu estado pri-
mitivo, de modo algum nos permittia suspeitar.

Dos muitos resultados deste genero a que
eu possa me referir, escolho como exemplos
dous que, foram de particular importancia para
mim; e reporto ás descobertas, — cuja alta signi-
ficação na morphologia e classificação dos
Crustaceos, não será negada mesmo pelos ad-
versarios de Darwin.

Considerações sobre a historia evolutiva
dos Crustaceos, conduziram-me á conclusão de
que, se os mais elevados e mais infimos d'estes
seres fossem, todos derivados de progenitores
communs, os primeiros tambem deveriam, em
outros tempos, ter passado pelas condições Nau-
pliiformes. Logo depois, eu descobri as larvas
Naupliiformes dos camarões («Archifur Na-
turg.» I, pag. 8, 1860); e devo convir que esta
descoberta, me trouxe a primeira inclinação á
favor de Darwin.

Como Claus, eu não considero os olhos
dos crustaceos como membros e, por isso, não
admitto segmento ocular; por outro lado, eu
conto a peça caudal mediana, á qual, o ca-
racter de um segmento é frequentemente ne-
gado. Contrária á sua interpretação como um
segmento do corpo, só póde ser citada a falta de
membros; á seu favor, temos a relação do in-
testino que, communmente, se abre nesta peça;
e ás vezes, mesmo, a atravessa em toda a ex-
tensão, como em *Microdentopus* e alguns ou-
tros Amphipodes. Em *Microdentopus*, como
Spence Bate já mostrou, é-se mesmo conduzido

á encarar os pequenos processos desta peça
tubular caudal, como rudimentos de membros.
Bell tambem («Brit. Stalk-Eyed Crust.» pa-
gina XX) consigna ter observado membros
bros do ultimo segmento em *Palaemon serratus*,
sob a forma de pequenos pontos moveis.
Tem-se tentado, frequentemente, dividir os Crus-
taceos elevados em pequenas secções, com-
postas de igual numero de segmentos, con-
sistindo essas secções de 3, 5 ou 7 segmentos.
Nenhuma destas tentativas encontrou, sempre,
a acceitação geral; as minhas proprias inves-
tigações, me conduzem á concepção que, quasi
se aproxima da de Van Beneden. Eu admitto
quatro secções, de cinco segmentos cada uma,
— o corpo primitivo, o anterior, o posterior e
o mediano. O primitivo inclue os segmentos
que a larva Naupliiforme traz para fóra do
ovo; elle é ulteriormente dividido pelas se-
cções mais novas que, se desenvolvem em
em seu meio em cabeça e cauda. A' este corpo
pertencem os dous pares de antenas, as man-
dibulas e os pés caudales («par posterior de
pleiopodes», Sp. Bate.). Mesmo no animal
adulto o facto de que estas secções terminaes
pertencem á ambas, ás vezes, é trahido pela
semelhança de seus appendices, especialmente
os do ramo externo dos pés caudales, com o
ramo externo (a chamada escama) do segundo
par de antenas. Como as antenas, os pés
caudales podem tambem se tornar os porta-
dores de aparelhos altamente sensitivos, como
é mostrado pelo ouvido de *Mysis*.

A sequencia das secções do corpo em ordem
chronologica, parece ter sido originalmente
que, primeiro foi formado o corpo anterior,
depois o posterior e finalmente o mediano.

O corpo anterior parece, no animal adulto
ser inteira ou parcialmente amalgamado á
cabeça; os seus appendices (*siagonopoda*,
Westwood) são total ou parcialmente uteis á
recepção do alimento e, na regra, frisantemente
distinctos dos do grupo seguinte. Os segmen-
tos do corpo mediano, parecem sempre des-
envolver os membros, immediatamente depois
da sua propria appareição, enquanto os segmen-
tos do corpo posterior permanecem, quasi sem-
pre, destituídos de patas, no percurso de gran-
des periodos da vida larvar ou mesmo durante
a vida (como em muitas femeas de *Diastyl-*
lideos); uma razão, entre muitas outras, para
não se considerar, como é commum, o corpo
mediano dos Crustaceos, como equivalente ao
abdomen dos Insectos, constantemente despro-
vido de pés. Os appendices do corpo mediano
(*periopoda*) nunca mostram, mesmo na mais
joven forma, possuir dous ramos eguaes, pe-
culiaridade que communmente caracteriza os
appendices do corpo posterior. Esta é uma

circunstancia que, torna muito duvidosa a equivalencia do corpo mediano dos Malacostraceos, com a secção do corpo nos Copepodes que traz as patas nadadoras e, nos Cirripedes os cirros.

A comprehensão das patas do corpo posterior e cauda, em um unico corpo (como «falsas patas abdominaes» ou «pleopoda») parece injustificavel.

Quando ha uma metamorphose, ellas são, provavelmente sempre, produzidas em periodos diversos e são, quasi sempre, inteiramente diversas em estrutura e em funcção. Mesmo nos Amphipodes, em que as patas caudales commumente se assemelham em apparencia aos dos ultimos pares de patas abdominaes, ellas se distinguem, em geral, por alguma sorte de particularidade e, enquanto as patas abdominaes são reproduzidas em fatigante uniformidade, em toda a ordem, as patas caudales estão, como é bem sabido, entre as mais variaveis patas dos Amphipodes.

O numero similar de segmentos que occorrem nos Carangueijos e Macruros, Amphipodes e Isopodes, em que, os sete ultimos segmentos são sempre diversos dos precedentes, nos appendices com os quaes elles são providos, poderiam apenas ser encarados como uma herança dos mesmos antepassados. E se no presente, a maioria dos Carangueijos e Macruros e realmente, os Crustaceos podophthalmos em geral, passam pelos estados evolutivos Zoëiformes e, o mesmo modo de transformação deva ser attribuido aos seus antepassados, a mesma cousa deve se dar, se não com os immediatos dos Amphipodes e Isopodes, ao menos com os progenitores communs destes e dos crustaceos podophthalmos.

Uma tal supposição éra, no emtanto, muito ousada, tanto mais quanto nem um unico

facto, propriamente relativo aos Edriophthalmos, podia ser adduzido á seu favor; e a estrutura deste mui coherente grupo, parecia ser quasi irreconciliavel com muitas peculiaridades das *Zoëas*. Assim, aos meus olhos, este ponto constituiu, por muito tempo, uma das principaes difficuldades, na applicação das vistas de Darwin aos Crustaceos; e eu mal ousava esperar que eu pudesse, comtudo, encontrar traços d'essa passagem pela forma de Zoëa, nos Amphipodes ou Isopodes e, assim, obter uma prova positiva da verdade d'esta conclusão.

Neste ponto, a affirmativa de Van Beneden, de que um Isopode provido de chelipedes (*Tanais dulongii*), pertencente, segundo Milne Edwards, á mesma familia que o commum *Asellus aquaticus*, possuía uma carapaça como os Decapodes, attraiu a minha attenção para estes animaes; e um exame cuidadoso, provou que estes Isopodes haviam conservado, mais realmente que quaesquer outros crustaceos adultos, muitas das essenciaes peculiaridades das *Zoëas*, especialmente o seu modo de respiração.

Emquanto, em todos os outros Oniscoides, as patas abdominaes servem para a respiração, os do nosso Isopode chelifero (fig. 2) são unicamente orgãos motores, nos quaes não entra mesmo um unico globulo sanguineo; e a principal séde da respiração está, como nas *Zoëas*, nas partes lateraes da carapaça que, são abundantemente banhadas por correntes sanguineas e sob as quaes passa uma corrente constante de agua, mantida, como nas *Zoëas* e nos *Decapodes* adultos, por um appendice do segundo par de maxillas que, falta em todos os outros Edriophthalmos.

Deve ser notado, de passagem que, em ambas estas descobertas, a sciencia deve menos á um acaso feliz, do que immediatamente á theoria de Darwin.

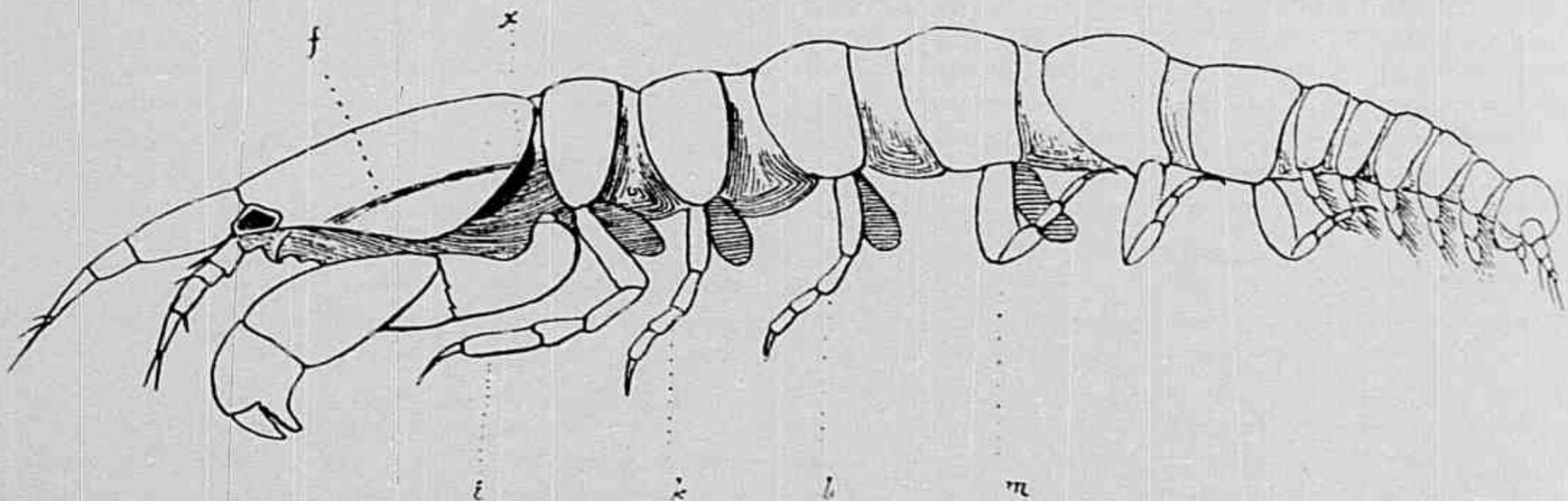


Fig. 2—*Tanais dubius* (?) Kr.; fêmea augmentada cerca de 70 vezes, mostrando o orifício da entrada (X) para a cavidade respiratória recoberta pela carapaça e na qual funciona um appendice do 2º par de maxillas (f). Sobre as 4 patas (l, k, i, m.) estão os rudimentos das laminas que subseqüentemente formam a cavidade prolígera.

Especies de *Peneus* tanto vivem nos mares da Europa como nos d'qui; e as suas ninhadas de *Nauplius*, sem duvida, passaram repetidamente incognitas pelas mãos dos numerosos naturalistas que investigaram aqueles mares, assim como entre as minhas proprias (1), porque, nada ha que possa attrahir attenção particular, entre as diffentes e muitas vezes maravilhosas formas de *Nauplius*.

Quando eu, illudido pela similaridade de seus movimentos, julgando que era um joven *Peneus Zoea*, pela primeira vez capturei tal larva e, trazendo-a ao microscopio, esbarrei com um *Nauplius* differendo *toto caelo* dessa *Zoea*, poderia tel-a posto de lado, como sendo completamente extranha á serie evolutiva que eu estava seguindo, se a idéa de

estados Naupliiformes dos mais elevados Crustaceos que eu, na verdade, não acreditava existir até ahi, não tivesse logo, vivamente, occupado a minha attenção.

E se eu não estivesse, de ha muito, procurando, entre os Edriophthalmos, pelos traços do supposto estado de *Zoea* e segurando com avidez, tudo quanto promettesse tornar essa Ordem refractaria util á mim, a breve asserção de Van Beneden, difficilmente ter-me-hia despertado como um choque electrico e, impellido á repetição do estudo das *Tanaides*, especialmente porque eu outr'ora me atormentára com ellas, no Baltico, sem adiantar um passo aos meus predecessores e, não tinha muito prazer em pisar outra vez a mesma arena.

Fritz MULLER.

(1) Mecznikow encontrou recentemente larvas Naupliiformes do camarão, no mar, perto do Napoles.



O GENERAL JULIO ROCCA E FAMILIA A BORDO DO «ARAGUAYA» NO PORTO DO RIO DE JANEIRO

A Vingança da Terra

O douleur! j'ai voulu, moi dont l'âme est troublée,
Savoir si l'urne encor conservait la liqueur,
Et voir ce qu'avait fait cette heureuse vallée
De tout ce que j'avais laissé là de mon cœur!

VICTOR HUGO.

I

Foi com uma inexprimível commoção que eu vi, já á tardinha, tempo de tristeza sobre as aguas mansas do grande rio atravessando florestas densas e escuras, surdir de repente, no virar de uma ponta de terra e matta, o amontoado de casas de paredes brancas de minha terra natal. Corri á amurada da prôa do vapor que me levava e nella debruçado, o olhar fixo naquella casaria ainda indistincta, puz-me embevecido a contemplal-a.

Lá me apparecia ella, ainda a algumas milhas, na frente, um pouco á direita, na sua velha praia amiga onde eu divisava embarcações, nas ribanceiras vermelhas das suas elevações, nas suas casas de pouca apparencia, a maior parte caiadas de branco, rodeada da sua frondosa matta circumdante. Alguma cousa indefinivel apertava-me o coração. Toda a minha infancia, a minha juventude e ainda um começo da minha adolescencia e mocidade ali passadas, acudiam-me á mente alvorotada de commoção, uma commoção simultaneamente angustiosa e doce. Por um momento a visão deleitosa e amarga se me empannou nos olhos recobertos por uma lagrima, mas logo a vi mais perto e mais nitida.

Vinte annos! Havia mais de vinte annos que eu dali partira, alma precoce e commovida já, cheia de illusões, de esperanças e de sonhos, de um menino que lera prematuramente livros de gloria e a quem seus pais amantissimos falaram com indiscreto amor nas cousas estonteadoras do futuro. Após vinte annos de um peregrinar quasi sempre acerbo, em que deixara pelos caminhos, as mais das vezes difficeis, illusões, esperanças e desejos, com a alma batida de desenganos, o espirito afinal accommodado ás inconveniencias da vida, mas desabusado, ahi voltava eu, filho prodigo sem pais que o acolhessem, movido apenas da curiosidade intensa, aticada por uma nostalgia, que em todo esse tempo não diminuiu, de rever esse canto obscuro da terra, que as minhas recordações de infancia e a minha saudade embelleciam.

Por mal meu, eu nasci com o terrivel dom de lembrar-me e de sentir. Passaram se tão felizes e alegres, foram tão vividos os meus annos juvenis, no quadro delicioso que a natureza me fizera e que o amor incompa-

ravel de meus pais affeioara desveladamente para m'o fazer mais prasenteiro, que jamais pude esquecer nem essa ditosa estação de minha vida, nem o sitio onde ella deslizou mais que passou.

Entretanto, por um fim de tarde de infinita serenidade, uma alta e calma atmosphera de paz, cortando com um marulho doce e melancolico, a vasta face parada das aguas faceis do rio, o vapor approximava-se do porto da cidadezinha, donde nos vinha chegando, dos sinos da sua igreja no alto, plangente, fino, sonorizado por aquelle ar absolutamente transparente e calmo, misturado ao tenue sopro da matta proxima, o toque de *Ave Maria*.

Sentia-me alheiado de tudo, meus olhos não podiam desfrutar a povoação, si não para correrem tristes por aquellas aguas em que me banhara tantas vezes ou pousarem afflictos naquelle arvoredado que tantas vezes percorrera em brincos e exercicio de menino. Os sons doridos daquelle sino encheram-me o peito de uma tristeza maior. A tarde, de uma serenidade solemne, fazia-se rapidamente noite, a escuridão subia do rio, descia do céu, crescia da floresta, transformada repentinamente num alto muro negro, compacto. Eu sentia, como um facto material, o apertão hostil de um corpo em torno de mim, esta impressão dolorosa: uma sensação constringente da garganta, um prenuncio de lagrimas. No ar havia como vozes lastimosas que me falavam meigamente de um passado saudoso, perfumes que despertavam lembranças.

De repente, um barulho de correntes que se desenrolam, a quêda de um pesado corpo n'agua, o ronco do vapor nos tubos, me fizeram como que despertar. O navio acabava de fundear, bem cerca da praia. Vi então que tinham accendido as luzes de bordo, tambem as da villa estavam accesas, fazendo mais sensível a sua mesquinhez, e pequenas embarcações com gente approximavam-se.

Voltei á ré, onde o alvoroço proprio á chegada a um porto era augmentado pelo das pessoas da terra que acudiam ao navio. Na curta viagem de menos de tres dias nenhuma relação travára a bordo. Repugnava-me a facilidade dellas. A dor que eu trazia comigo era me sobeja companheira. Havia uma gostosa voluptuosidade nos nossos incessantes colloquios. A minha nostalgia deliciava-se em repastar-se sosinha, com um ciume de apaixonado, em todos esses aspectos de cousas por tantos annos amada de longe e embellezadas pela ausencia saudosa. Mas no meio dessa multidão estranha, na qual facilmente distinguia os chegados da terra—de minha terra—senti então um raro tormento: o de

não ver um rosto conhecido onde pousar os olhos, recebendo e retribuindo uma expressão affavel. Não ter uma mão amiga que apertar, na mesma terra onde nascemos! Debalde busquei, sedento de agasalho e de affeição, unia e outra, e só se me deparou a indifferença ou a curiosidade.

E' esquisito, mas a sensação que experimentei parecia-se muito com a de uma affronta. Minha sensibilidade afinada pela dor figurava-me essa ausencia de amigos, ou de simples conhecidos, como um menospreço que, dentro de mim bradava, eu não merecia. O affecto de que me transbordava o coração pelo meu torrão natal, e que desde muito longe me trouxera só para revel-o ainda em antes de morrer, era digno de outro acolhimento. Soffri fundamente naquelle momento do que me parecia uma dura injustiça de minha terra, essa terra que eu amei e cantei.

Acudiu-me então de tropel, viva como uma lembrança, a reminiscencia do que, ha mais de vinte annos, fôra a minha primeira visita a essa mesma terra, numas férias, após dous lustros de ausencia. A recepção festiva a bordo, meu velho pai em lagrimas apertando-me contra o seu grande coração amoroso, amigos pressurosos em ver-me, em abraçar-me, em reconhecer-me, em dizerem-me cousas agradaveis do meu physico, do meu desenvolvimento, do meu aspecto; o desembarque, numa embarcação especial; outros amigos na margem, á nossa espera; eu delirante de prazer nos braços de minha velha mãe em prantos de alegria, embaraçado que mãos apertasse, a que braços me atirasse, ou rindo, ebrio de satisfação, ás perguntas affectuosas, ás recordações puerilmente carinhosas das velhas amigas ou sentindo em mim languidos, sympathicos os olhos morenos das moças que eu deixara meninas e que me admiravam nas minhas roupas e gestos de rapaz da «Corte». Em casa os famulos, bons amigos da familia, velhos servidores dedicados, crias de minha mãe, todos amorosos de mim, que nunca os esquecera com uma lembrança nas minhas cartas, e sempre lhes fôra bom, todos de riso na face e uma lagrima reprimida nos olhos saudando-me, com um real contentamento de me verem; e as visitas, que não descontinuavam, os presentes que chegavam, com recados affectuosos, o almoço da familia, que se fez uma festa, e todas as pessoas do lugar, gradas e humildes, gente de todas as condições e de todos os partidos, gente que não visitava ninguem, que raro saía de casa, o Trigoso, um misanthropo, a lendaria D. Joanna do Sacramento, uma septuagenaria, tradição viva da terra, a qual apenas ia á missa, de rêde, carregada por escravos.

Todos me vieram receber, ver, visitar, acariciar, felicitar meus pais radiantes, felizes, captivos de tanta bondade e de tanta estima.

Tudo isto me repassava dolorosamente na memoria perante este horroroso contraste. Ninguem! Meu pai morto, minha mãe morta, os meus dispersos. E os amigos? E os simples conhecidos? Seria possivel que em minha terra eu não achasse alguem, um rosto amigo que ver, um peito amigo a que encostar-me, mãos amigas para apertar.

E a questão dolorosa achava dentro de mim mesmo uma resposta vaga e negativa, mas na qual eu sentia uma reprovação intima de mim proprio, a accusação indefinida de ter desmerecido, com o meu apartamento da terra natal, aquellas affeições, cuja ausencia me pungia como uma affronta propositada.

Desci á terra com a minha ligeira bagagem. Não foi sem custo que resisti ao alvitre, que primeiro me veio, de não desembarcar sequer na minha terra, que tão descaravelmente me recebia, e de seguir viagem. Porém mais forte que a minha vontade, a força inconsciente e irresistivel das cousas que amamos profundamente puxou-me para a terra querida, que eu não pisei sem commoção. Aonde ir? Canhecia eu ali alguem? Vagos nomes me occorreram, apagadas imagens desenharam-se-me indecisamente na memoria. Não era este ou aquelle que eu vinha buscar ali, mas «a terra», como eu a conheci e amei na infancia e na juventude, um conjuncto de cousas que o meu triste dom de sentir, me fazia comprehender ausentes, acabadas, de uma vez idas. E então ali, naquella praia que eu percorrera infante em correrias doídas, junto aquellas aguas mansas, que me vinham em breve onda apenas sussurrantes quasi até aos pés, sob aquelle céu de um azul profundo, estrellado, ao qual tantas vezes me fizera minha mãe levantar os olhos em prece, tive um arrependimento intimo, acerbo de ter a ella voltado. Senti que a terra vingasse dos que a não amam bastante para não ficarem nella e com ella, esquecendo-os; que ella não é somente um ponto geographico numa certa coordenada astronomica, um accidente administrativo, mas que nós mesmos, com todos os nossos, no passado e no presente, com o territorio e a gente, cada um com os seus aspectos, a sua indole, a sua formação, somos a nossa terra. Lucidamente entendi ali, á luz daquella grande emoção dolorosa, que a terra, mesmo aquella em que nascemos e que, parece-nos, amamos, não é apenas o lugar accidental do nosso nascimento, mas aquelle, onde quer que seja, a que nos prendem os interesses supremos do nosso espirito e do nosso coração, e com cuja

gente estamos em communhão de sentimento de vontade, de intelligencia.

Mas eu não podia ficar ali, na praia, com a minha escassa bagagem ao pé. Dirigi-me ao canoeiro que me trouxera de bordo, perguntando-lhe por um hotel, se algum existia ali. No meu tempo nenhum havia; o forasteiro ainda sem recommendação, achava facil e hospitaleiro agasalho na casa d'algum procer da terra ou d'algum negociante de mais grosso trato. Tomando ás costas as minhas malas, subio o homem a praia e seguiu por uma ladeira — que eu tantas vezes descera de corrida! — em direcção da hospedaria que me indicára. Não obstante ser noite, allumiada por espaçados lampeões de kerosene e ainda mais por miriadas de estrellas rebrilhando num céu diaphano de profundo azul, eu ia reconhecendo os lugares e as cousas. No alto da ladeira uma casa baixa, como quasi todas ali, uma loja, jorrava luz pelas suas quatro portas escancaradas. Já no outro tempo era aquella mesma loja. Seria, porém, a mesma? seria o mesmo dono, o Vianna, um portuguez de boa presença, falador, generoso, hospitaleiro, dando-se ares de grão senhor? Em frente a uma das portas, do lado de fóra, ao ar livre, o jorro de luz que vinha dos candieiros de kerosene, havia, como d'antes, um grupo de sujeitos, sentados em cadeiras e mochos, em alta e animada prosa. Quando seguindo o meu carregador, entrei na zona luminoso, ouvi dizerem: — E' um passageiro do vapor. A minha perturbação me não deixou fazer aquelles desconhecidos, para os quaes mal olhei, a banal saudação que no nosso interior é de praxe mesmo entre estranhos. Passei, e aquellas outras casas que margeava, essas as reconheci sem difficuldade: eram, com a sua chata physionomia incaracteristica, as mesmas que pela ultima vez vira, havia vinte e cinco annos. Tambem as criaturas que encontrava, com as suas figuras indecisas áquella meia luz não me pareciam differentes e dous bois de carro, que resfolegavam por ali, remordendo o capim da rua, despertavam em mim uma impressão antiga. Eu me sentia cada vez mais isolado, e a apparencia immutavel daquellas coisas que não distinguia bem augmentava esta sensação penosa de isolamento, como que de abandono. O carregador parou a uma porta mais larga que o commum das outras, de uma casa terrea, de algumas janellas de frente: — «E' aqui». Estaquei lançando um olhar á casa toda, e tive um sobresalto. Pareceu-me reconhecer nessa baixa frontaria pintada de fresco, e onde alguma cousa fóra mudada, a minha casa paterna. Ia eu, pois, por uma impiedosa ironia da sorte, estrangeiro na mi-

nha terra natal, hospede na minha propria casa, receber um agasalho mercenario, onde eu fóra, pela abundancia do amor que me cercava, o mimoso senhor. Entramos. Veiu ao nosso encontro o dono daquella miseravel estalagem. Era um sujeito do Sul, naufrago da vida que por ali encostara e que explorava uns mesquinhos quartos de dormida e uma mesa mal servida com o nome de hotel.

Sentindo como intencional a indifferença da recepção de minha terra, resolvi, por una especie de coquetismo de sensibilidade, si não de pudor de repudiado, fazer-me estranho nella eu tambem, como ella se me mostrava estranha a mim. Disse ao hoteleiro que eu era um viajante, de todo alheio ao lugar, e que queria um quarto por alguns dias. Com as zumbaias profissioaes, levou me elle a um quarto, como o melhor que tinha; era o de minha mãe. Pedi-lhe me deixasse só.

Naquella casa, onde para mim «gemia uma saudade a cada canto», aquelle quarto em que nasci, e onde minha mãe viveu e morreu, era o santuario sacratissimo. Si orar não consiste só em endereçar triviaes palavras sabidas de cór, quasi sempre mais balbuciadas dos labios do que do coração a um ente sobrenatural, mas em evocar commovido as mais puras recordações da nossa vida e com effusão do que ha de melhor em nós, invocar os entes que amámos, eu orei, e orei fervorosamente naquelle momento. Tudo ali me falava de um passado morto, mas não esquecido, e que as circumstancias faziam redivivo na minha imaginação dolorosa. Eu povoava aquellas nugas paredes caiadas dos quadros de devoção de minha mãe e dos seus moveis e alfaias. Revia o arranjo do seu quarto, de um aceio caprichoso, de uma ordem absoluta. Punha nos outros commodos cada cousa no seu lugar, animava com seus moradores mortos, com as suas visitas desaparecidas, com os seus hospedes de uma vez idos, aquella casa que eu conhecera cheia, alegre, feliz, procurada e querida. Uma saudade intensa, dessas que pareço quererem resuscitar os mortos, chorando dentro de mim, envolvia todas estas imagens evocadas em um nimbo de luz diaphana que mal as separava da realidade.

Fatigado por estas commoções repousei afinal, se repouso se póde chamar a uma modorra intrecortada de sonhos angustiosos. Despertei, como outr'ora, ao canto alegre dos passarinhos pelo arvoredado em roda. O' manhans incomparaveis da minha terra, ó unico e indizível despertar do dia das paragens em que nasci e me criei! Não vos vi jamais nas terras que andei e que tambem ameí! Em nenhuma dellas, e as conheci de rara formo-

sura, mais bellas mesmo que o meu torrão natal, não acordei nunca no meio da luz e da frescura, de sol e de briza, de farfalhares frescos d'arvores, de cantares sonorosos de passaros, de aromas sãoos de mattas em que vós por tantos annos envolverdes o meu despertar. Foi um deslumbramento o abrir da janella dando para o velho quintal cheio de arvoredos. Uma luz dourada, temperada na sua crueza equatorial pela farta briza matutina, cantando, como os passaros, nas ramagens sonoras das arvores e nas franças ciciantes dos coqueiros, banhava a natureza inteira. Aquellas arvores, as plantaram quasi todas meus pais, rara havia que me não fosse um conhecimento antigo, trepara a umas, corra entre outras, seus fructos satisfizeram a minha gulodice, suas sombras amigas resguardaram-me carinhosamente dos ardores estivaes. Parecia-me que ellas me olhavam com curiosidade benevola, e que tudo ali, a mesma casa muda e insensivel, acabava por reconhecer-me. Sentia penetrar-me a alma das cousas.

Sai, a cidade não mudara, fixada de uma vez na sua estructura, sem augmento nem variedade. Pude por um nome em cada casa, uma designação em cada rua, mas si os typos humanos eram, nos seus trajas e feições locais, os mesmos, as physionomias me eram todas estranhas, como eu lhes seria tambem. A gente da rua, das janellas, das portas, me viam passar com a curiosidade hostil do roceiro para o forasteiro cidadão. Riam, cochichavam, apontavam-me com os dedos. A minha sensibilidade maguada sentia uma execração nesses gestos impertinentes. Acabrunhava-me o sentir-me desconhecido na minha terra, mais estrangeiro do que me achiara em tantas outras por onde peregrinei. Segui, entretanto, um pouco a tôa, levantando naquellas ruas calmas, silenciosas e quasi desertas, uma poeira de curiosidade importuna. De rotula a rotula, de empannada a empannada, eu entrevia, eu advinhava as vizinhas cochichando de mim. Sentia os dedos apontados ás minhas costas, pondo-me no dorso uma sensação penosa, como deve ser a da imminencia do bisturi na epiderme do operado.

Fui direito ao cemiterio. Devia ser a minha primeira visita. Primeira visita? Tinha eu por ventura uma segunda a fazer? Um caminho, ainda meio selvagem, levava a essa aldeiazinha de mortos. Uma grade de madeira, sobre um baixo muro de alvenaria branca o separava da matta quasi virgem, na qual apenas abriram o espaço necessario para enterrarem os defuntos da villa. Foi delicioso á minha alma florida esse primeiro contacto com a selva agreste e com o ermo completo. A solidão ali era absoluta. Na-

quella clareira cercada das grandes arvores da floresta primitiva, e ainda rude, recoberta por um céu esplendidamente azul, a manha era ainda mais bella, mas de outra belleza, austera como a de um templo. A sua luz invadia o recesso do bosque, que meus olhos avidos penetravam até o intimo. As narinas se me dilatavam inconscientemente a sorver o perfume acre da matta. O dia tinha certamente uma alegria magnifica e triumphante, mas daquelle sitio de mortos, ou de minha propria alma doente, vinha-me, não a tristeza acerba da vespera, mas uma conformada si bem que intensa melancolia. A grande paz daquelle ermo poz no meu coração a sua tranquillidade augusta. Sobre as modestas sepulturas de meus pais, as minhas lagrimas caíram mansas, constrictas, sem amargura nem desespero. Como na camara de minha mãe, a minha saudosa lembrança delles ali foi uma oração, fervente e reconhecida. Elles sabiam que eu os amara como nunca filio algum amou mais, e eu sabia que o seu amor era tanto que nenhuma recriminação me fariam. Eu sentia que, do fundo de suas covas, o seu acolhimento era como o de outr'ora, que elles me haveriam tudo perdoado por esta visita piedosa, desde tão longe feita á obscura estancia do seu perpetuo repouso. Não desconheciam a sinceridade dos sentimentos que me guiaram até ella. Ergui-me, pois, dali mais repousado, e li alguns nomes que me não tinham de todo desaparecido da memoria, em outros tumulos ou em toscas cruces de madeira. Naquella cidade, que era a minha, sómente nesse suburbio de mortos se me deparava algum amigo ou conhecido.

Recolhi ao hotel. Disse ao hoteleiro um nome trocado, e não pude colher delle grandes noticias da terra. Era novo ali. A' sua curiosidade indiscreta dei-me como um engenheiro que visitava a região com fins industriaes. Agora, porem, vinha-me uma soffrega curiosidade de conhecer minha terra, de saber se de facto ninguem me reconheceria ou eu não reconheceria ninguem. Parentos, sabia que não os tinha, sendo meus pais adventicios, barlaventistas, como lá com bairrismo hostil chamavam aos filhos das provincias do Sul. Sai de novo. Era a hora do meio-dia; um calor intenso, um calor de forno, uma atmospheria que requeimava, como si o sólo e o céu fossem de brazas, incendiava a cidade deserta e muda. Nas ruas se não via viva alma. Era a hora da sésta, ainda ali em uso. Sob o meu guarda sol de panno branco, que mais acendia a escandalizada curiosidade de algum raro transeunte ou olheiro de janella, eu pude mais desembaraçadamente e sem vexame contemplal-a. Voltou-me a im-

pressão de que era a mesma que eu deixara havia um quarto de seculo. Egoisticamente estimei no meu intimo que nenhum progresso houvesse por ella passado, que ainda fosse a mesma da minha plena e feliz juventude. Sentia um prazer de criança contente pondo um nome a cada canto, lembrando um facto, identificando os edificios e as cousas; mas a minha alegria acabava numa tristeza acabrunhadora: eu reconhecia tudo, e nada, e ninguem me reconhecia a mim. A infavel illusão que eu tivera de manhan, no pomar da velha casa paterna, a desvaneceram estas paredes multicores, sem linha nem physiognomia, estes telhados baixos, estas feias fachadas alvares de casas tristes como cegos, com as portas e janellas cerradas pelo somno da sêsta. Vendo-me sosinho, numa comprida rua deserta, tudo fechado, nenhum ruido, nenhuma vóz, apenas um céu implacavel na sua limpidez monotana, e uma luz cruel, imaginava-me numa cidade morta. Doia-me esta sensação de isolamento e repudio. Voltei ao meu albergue. Ali ao menos era a «nossa casa»; ajudada pela sugestão do local, a minha imaginação acabaria por povoal-a de imagens queridas. Ali eu tinha a certeza de encontrar meus pais, a cada passo que desse.

Nesta volta passei pela botica do lugar. Lembrou-me que a que eu conhecera não era ali, mas em outro sitio, aonde eu iria de olhos fechados. Estava aberta a pharmacia, como á moderna se chamava, segundo o mal feito letreiro sobreposto ás suas duas portas. Vi lá dentro uma cara desconhecida, entrei, comprimentei e pedi uma droga qualquer, simples pretexto de entrar em conversa e tomar informações. Os boticarios são os almanques das villas. Aquelle acolheu-me favoravelmente, chamou-me de doutor, offereceu-me um assento, rogando-me com voz amiga descançasse um pouco, estava muito quente, não convinha expor-me ao sol, eu que era de fóra. Elle era portuguez, com um ou outro fio branco na cabeça e na barba, que usava toda. Grande bem me fez este acolhimento amavel, o primeiro que recebi na minha terra, e foi-me uma doce consolação ás minhas tristezas das ultimas vinte e quatro horas.

Conversamos: dei-lhe de mim a falsa informação que já dera ao meu hospedeiro. Elle falou-me bem da terra, querendo visivelmente conquistar-lhe a minha estima. Hesitando um pouco, disse-lhe que ella me não era de toda estranha, já ali tinha estado annos atraz, e, animando-me, indaguei delle das cousas passadas. Disse-me que estava ali de pouco, uns seis annos, vindo de uma cidade vizinha, onde os negocios iam mal.

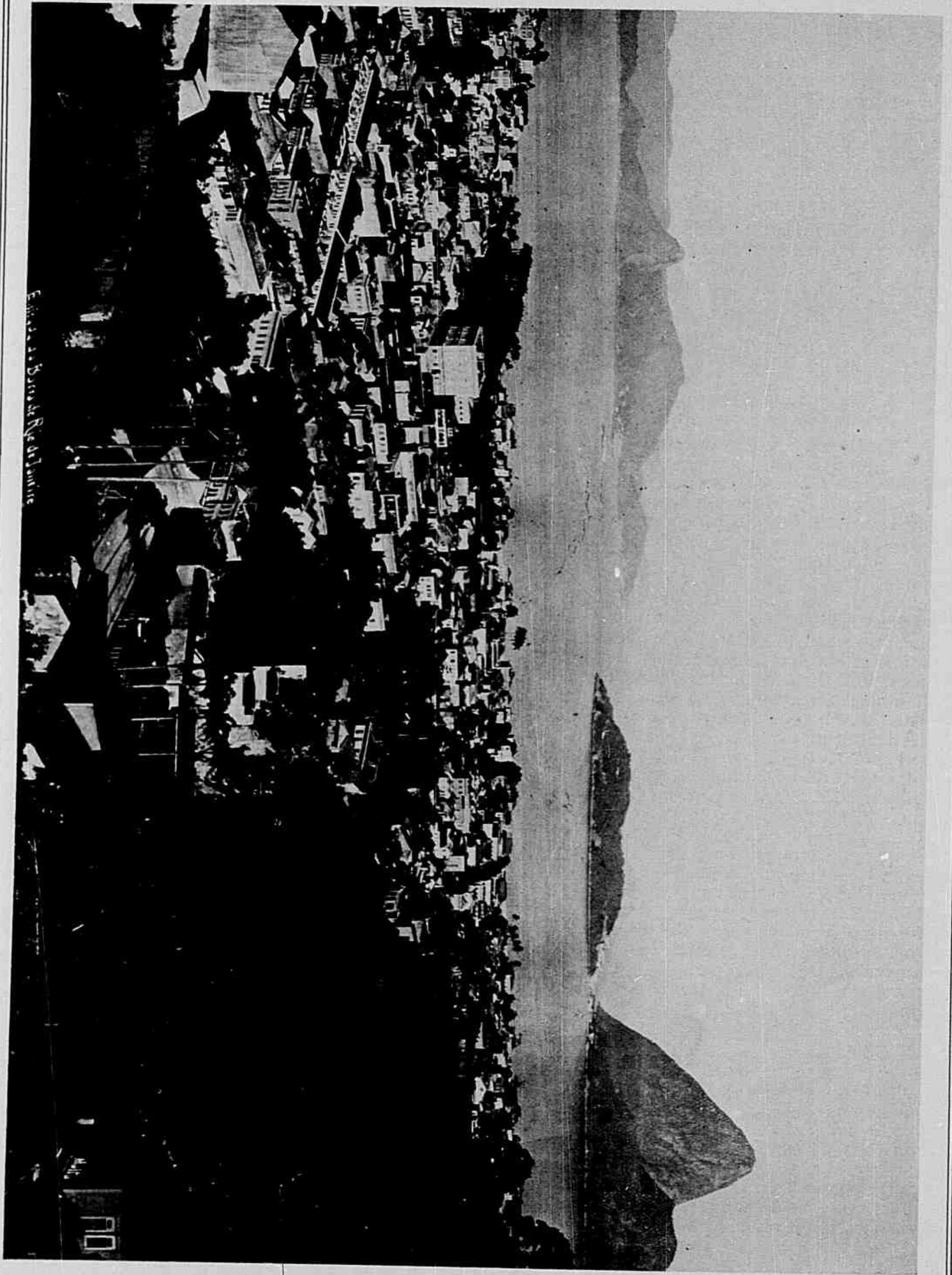
— Aqui ha medico? perguntei-lhe. Presentemente não havia, mas o lugar tivera um por muitos annos, excellent homem, coração largo, clinico experimentado e desinteresseiro, respeitado e querido de todos, o Dr... e disse o nome de meu pai. Não sei dizer o que passou em mim. Foi uma doce, uma infavel sensação intima de contentamento e bem estar, quasi physica, como deve ser a do viajor que após a travessia de um safaro deserto, encalmado e sedento depara com o agasalho do oasis cheio de sombras e d'aguas. Fingindo indifferença perguntei por pessoas conhecidas, e a ladainha das informações desenrolou-se lugubre e penosa: Fulano? Morreu. — Beltrano? — Morreu. — Sicrano? — Morreu. — Este? — Mudou-se para a capital. — Aquelle? — Tambem. — Era a grande lista dos que de um modo ou de outro, mortos ou emigrados, haviam partido, desaparecido da terra, deixando-a vasia dos seus velhos moradores, daquelles justamente que para mim lhe completavam a feição que m'a fazia querida. Habitantes, magistrados, funcionarios, o vigario tudo era novo ali, todos estranhos. As informações do loquaz e affavel boticario completavam o circulo do meu isolamento. Por ellas se fazia cada vez maior o vazio em torno de mim, enchendo-me a alma, que começava a accommodar-se áquella solidão moral, de maior tristeza.

Muito instado pelo amavel pharmacopola, voltei aquella mesma tarde á botica, que servia de prazo dado aos sujeitos principaes da terra, como deprehendi das apresentações que me fez: o juiz de direito, o promotor, o delegado, o collecter, o major tal, o capitão qual, o rabula, o mestre escola. Certos nomes acordaram em mim a reminiscencia indecisa de outros nomes outr'ora familiares e até queridos em nosso lar, seriam filhos ou parentes proximos desses; alguma daquellas physionomias avivava-me na memoria a apagada imagem de feições infantis de longos annos antes. Seriam acaso meus antigos condiscipulos da escola do Luiz Valente.

Eu, porem, não podia voltar atraz dos informes que de mim déra. Achava-me preso, amarrado pela minha propria mentira, sentindo aliás uma especie de amarga voluptuosidade em me ver desconhecido na terra do meu nascimento, só com a minha dor e a minha saudade, que ella em vez de estancar avivára. Affectando sempre indifferença, colhi ainda novas e mais miudas informações. Traziam todas uma sensação dolorosa de ausencia ou de morte, alargando em torno de mim o horisonte de desolação em que me via.

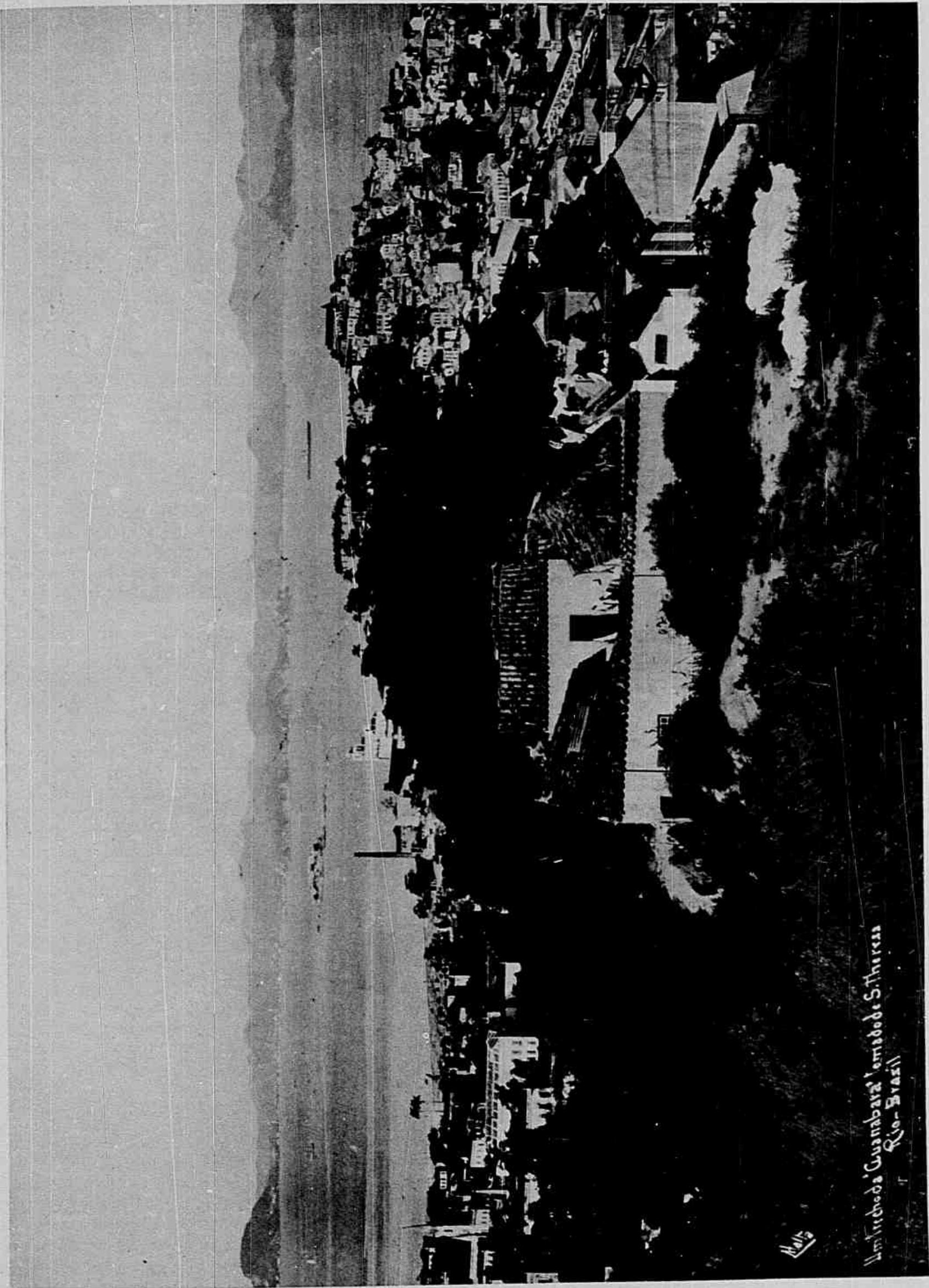
(Continúa)

JOÃO BARROSO.



View of Bristol Bay from Juneau

100



Um trecho da Guanabara, em direção a S. Theresa
Rio-Brasil

11/15

A BANDEIRA NACIONAL

O decreto n.º 4 de 19 de Novembro de 1889, quatro dias depois da proclamação da Republica no Brazil, conservou a tradição das antigas côres nacionaes — verde e amarello — e a propria original disposição do losango amarello sobre campo verde, mandados observar por decreto de 18 de Setembro de 1822, onze dias depois da proclamação da independencia do Brazil. A nossa actual bandeira é, pois, ainda a mesma, com a simples adaptação ao novo regimen, substituida a corôa imperial por uma esphera azul ao centro do losango.

Fez bem o Governo Provisorio em não mudar a bandeira, mantendo a tradição. O que se fez não foi uma mudança de bandeira, como não foi mudança o que fez o Imperio com o decreto de Dezembro de 1822 alterando a fórma da corôa, como não seria mudança qualquer modificação no emblema da esphera azul adoptada pela Republica. O que distingue a nossa bandeira, além das côres, é a original disposição do losango amarello em meio de um campo verde. Nenhuma outra nação tem na sua bandeira as mesmas côres com a mesma disposição. Alguns povos escolheram côres iguaes para symbolisarem as respectivas nacionalidades, estando a differença apenas na combinação dessas côres em tiras dispostas sobre o comprimento ou sobre a altura. Assim, a bandeira franceza é formada por tiras verticaes azul, branca e vermelha, ao passo que a hollandeza tem as mesmas tiras, vermelha, branca e azul, horizontaes, sendo tambem horizontaes as tiras da bandeira da Servia, mudada apenas a ordem de collocação, isto é, sendo a do alto vermelha, a de baixo branca e a do meio azul. Por sua vez, a Russia adoptou as mesmas côres, ainda com as tiras horisontaes, mas invertendo a ordem de collocação — branca, azul e vermelha. Muitos outros pavilhões se distinguem apenas pelas côres, em tiras: preta, branca e vermelha, da Alemanha; preta, amarella e vermelha, da Belgica. Com as côres branca e azul, que tão bonita combinação produzem, se fazem ás bandeiras: da Argentina (uma tira branca no meio de duas azues, horizontaes); da Guatemala (duas azues e uma branca no centro, verticaes); de Hônduras (duas azues e uma branca no centro, horizontaes); da Grecia (cinco azues, quatro brancas e uma cruz branca em campo azul ao centro); etc.

Portanto, sempre que seja preciso fazer tremular o pavilhão brasileiro em lugar onde não

seja facil confeccional o de accordo com o decreto de 1889, um losango amarello sobre campo verde indicará perfeitamente a nossa nacionalidade. Está claro que não é coisa licita nem patriótica a simplificação usual da bandeira do paiz. O argumento, para casos excepcionaes, serve apenas como demonstração de que aquellas côres e a sua disposição de losango sobre parallelogrammo bastam para caracterisar o pavilhão brasileiro. Nenhum outro tem campo verde e nos poucos que têm as côres verde e amarella, entra outra côr essencial, além da do emblema, que no nosso é azul. Não ha confusão possivel.

O emblema é ponto secundario. O governo da monarchia assim o entendeu, alterando-o uma vez. Devemos alterar o emblema republicano da esphera azul com estrellas e com a divisa de «ordem e progresso»? Uns pensam que sim e outros que não. Por mais que se attribua o lemma da bandeira á influencia positivista quando foi proclamada a Republica entre nós, não ha motivo para supprimil-o. Bandeira não é camisa que se muda todos os dias. Os chefes politicos mudam de *bandeira*, mas não é razão para obrigarem a Nação a alterar a sua, feia ou bonita. Só o sentimento religioso dos catholicos tem determinado as diversas tentativas feitas em pura perda. Ainda ultimamente, em 1905, um illustre deputado, muito considerado e querido, mas muito apegado á crença catholica, apresentou um projecto de modificação da bandeira, sem esconder que o fazia por «symbolisar aquella divisa uma religião de parte diminuta do povo brasileiro». Que importa? A *ordem* e o *progresso* já constituíam aspirações dos povos livres muito antes de nascer o fundador da Igreja Positivista. Si não temos tido muita *ordem* na Republica, apesar do lemma da bandeira, tambem é certo que a sua suppressão não impedirá novas desordens, para as quaes, muitas vezes, concorrem os proprios positivistas.

A questão do emblema, com a esphera cintada de branco e o lemma de «ordem e progresso», é secundaria. Si o facto de ser secundaria esta questão, tem constituído argumento em favor da modificação da bandeira, tambem pôde constituir argumento favoravel á opinião de que não se deve tocar na bandeira. E' deixal-a como está, pedindo ao Deus dos catholicos ou á Deusa dos positivistas que torne uma verdade o lemma nella inscripto.

A bandeira brasileira é ainda a mesma que tremulou festivamente por occasião da nossa independencia. A corôa imperial supprimida tinha o mesmo valor que tem a esphera azul, pois que não caracterisava a Nação Brasileira,

apenas symbolizando a sua fôrma de governo em dado momento historico. Logo depois de proclamada a Republica, a bandeira usada mais geralmente foi mesmo a do imperio, supprimida a corôa: era, apesar dessa modificação arbitraria, a — bandeira nacional. Deixou de ser a do Imperio do Brazil, mas continuou a ser a do Brazil!

A bandeira adoptada pelo governo provisorio soffreu forte opposição, por causa do lemma. Eduardo Prado, n'um excellente folheto que me forneceu informações sobre as bandeiras do Brazil antes de 1822, atacou o decreto n.º 4 de 1889 e documentou a sua argumentação no sentido de provar estar a bandeira da Republica, historica politica e scientificamente errada, por não haver conservado a tradicional esphera armillar, por serem umas maiores do que as outras as estrellas que representam os estados da Federação e por não obedecer á verdade astronomica a disposição das estrellas do Cruzeiro e de mais constellações incluídas no globo azul. N'esse folheto, Eduardo Prado combatteu os argumentos de Teixeira Mendes, publicados no *Diario Official* de 24 de Novembro de 1889, como apreciação philosophica da bandeira nacional.

Não é meu intuito, porém, entrar na apreciação desses argumentos e nunca tive mesmo gosto algum pela astronomia. Assignalo o facto como elemento indispensavel ao resumo historico da nossa bandeira. Já ficou dito que as côres nacionaes, depois da independencia, foram sempre a verde e a amarella; mas, convem notar que o Brazil colonial teve bandeira propria. A que Pedro Alvares Cabral arvorou nas terras da Santa Cruz em 1500 era a de Portugal nos dominios ultramarinos: branca com a cruz de Christo. Como colonia o Brazil a teve arvorada nos mastros até 1649. (*Vide estampa n. 1*).

Elevado a Principado, o Brazil teve então bandeira propria, differente da de Portugal e das usadas nas outras colonias portuguezas. Servio de 1864 até a chegada da Familia Real no Rio de Janeiro. Era ainda branca, mas substituida a cruz de Christo por uma esphera armillar de ouro no centro. Diz Eduardo Prado que não é conhecida a data do alvará que deu por armas, ao Brazil Principado, a esphera de D. Manoel, mas que ella é vista nas moedas e até nos sellos do periodo entre 1649 e 1808. (*Vide estampa n. 2*).

Desde que o Brazil Colonia teve uma bandeira particular, só sua, com a esphera armillar de ouro e desde que essa esphera foi conservada na bandeira do Imperio, creada em 1822, entendeu Eduardo Prado que a tradição não foi respeitada pelo governo provisorio quando a substituiu pela esphera azul sem

armillas ou circulos. Penso, porem, que o intuito do governo provisorio foi manter a tradição do Brazil independente; porquanto, si tivesse de ir mais para traz de 1822, teria de manter a côr branca e não as côres verde e amarella adoptadas pelo decreto de 18 de Setembro de 1822, isto é, de onze dias depois da proclamação da independencia.

O decreto é este:

«Havendo o Reino do Brazil, de quem sou Regente e Perpetuo Defensor, declarado a sua Emancipação Politica, entrando a occupar na grande familia das Nações o lugar que justamente lhe compete, como Nação Grande, Livre e Independente; sendo por isso indispensavel que elle tenha um escudo real de armas, que não só se distingam das de Portugal e Algarves até agóra reunidas, mas que sejam characteristics deste rico e vasto continente: E Desejando Eu que se conservem as Armas que a este Reino foram dadas pelo Senhor Rei D. João VI, Meu Augusto Pae, na Carta de Lei de 13 de Maio de 1816, e ao mesmo tempo rememorar o primeiro nome que lhe fôra imposto no seu feliz descobrimento e honrar as 19 provincias comprehendidas entre os grandes rios que são os seus limites naturaes (*Amazonas e Paraná ainda pertenciam ao Pará e S. Paulo, respectivamente*), e que formam a sua integridade, que Eu Jurei sustentar: Hei, por bem, e com o parecer do Meu Conselho de Estado, Determinar o seguinte:— Será d'ora em diante o Escudo de Armas deste Reino do Brazil, em campo verde uma Esphera Armillar de ouro atravessada por uma Cruz da Ordem de Christo, sendo circulada a mesma Esphera de 19 Estrellas de prata em uma orla azul; e firmada a Corôa Real diamantina sobre o Escudo, cujos lados serão abraçados por dous ramos das plantas de café e tabaco, como emblemas de sua riqueza commercial, representados na sua propria côr e ligados na parte inferior pelo laço da Nação. A Bandeira Naciona'll será composta de um parallelogrammo verde e n'elle inscripto um quadilatero rhomboidal côr de ouro, ficando no centro deste o Escudo das Armas do Brazil. José Bonifacio de Andrada e Silva do Meu Conselho de Estado e do Conselho de Sua Magestade Fidellissima o Senhor Rei D. João VI e Meu Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino e Estrangeiros, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios. Paço em 18 de Setembro de 1822. Com a rubrica de S. A. R. o Principe Regente. — *José Bonifacio de Andrada e Silva.*»

Outro decreto do mesmo dia estabelecia: «Convindo dar ao Brazil um novo Tope Na-

cional, como já Lhe dei um Escudo de Armas; Hei por bem Ordenar o seguinte: o Laço ou Tope Nacional Braziliense será composto das côres emblematicas—verde de primavera e amarello de ouro—na fórma do modelo. A flôr verde no braço esquerdo, dentro de um angulo de ouro, ficará sendo a Divisa voluntaria dos Patriotas do Brazil que jurarem o desempenho da Legenda «*Independencia ou Morte*» lavrado no dito angulo.»

Adoptadas assim as cores nacionaes e creada a bandeira da Patria, foi ella solemnemente entregue ás forças da guarnição da Côrte em 10 de Novembro de 1822, com a seguinte «Falla» de Pedro I:

«Soldados de todo o exercito do Imperio. —E' hoje um dos grandes dias que o Brazil tem tido: é hoje o dia em que o vosso Imperador, vosso Defensor Perpetuo, e Generalissimo deste Imperio, vos vem mimosear entregando-vos em vossas mãos aquellas Bandeiras, que em breve vão tremular entre nós, caracterizando a nossa Independencia Monarchico-Constitucional, que, apezar de todos os revezes, será sempre triumphante. Logo que os Exercitos perdem os estimulos de honra e a obediencia, que devem ter ao Poder Executivo, a ordem e a paz de repente é substituida pela anarchia; mas quando elles são, como este, que Tenho a gloria de Commandar em chefe, cuja divisa é valor, respeito e obediencia aos seus Superiores, os Cidadãos pacificos contam com a sua segurança individual e de propriedade, e os perversos retiram-se da Sociedade, succumbem ou convertem-se. Quando a Patria precisa ser defendida e o Exercito tem por divisa—*Independencia ou Morte*—a Patria descansa tranquilla e os inimigos assustam-se, são vencidos, e a gloria da Nação redobra de brilho.

Soldados, não vos recommendo valor, porque vós o tendes, mas sim vos Asseguro que podeis contar sempre com o vosso Generalissimo, nas occasiões mais arriscadas, em que Elle sem amar á vida, é só á Patria vos conduzirá ao campo da honra, onde, ou todos morremos, ou a causa ha de ser vingada: Soldados, qual será o nosso prazer, e o das nossas familias quando ao seio dellas voltarmos cobertos de louros, nos vermos rodeados da cara esposa e dos nossos filhos e lhes dissermos:—*Aqui me tendes, quem defende o Brazil não morre, os nossos direitos são sagrados, e por isso o Deus dos Exercitos sempre nos ha de facilitar as victorias.*—Com estas bandeiras em frente do campo da honra destruiremos os nossos inimigos e no maior dos combattes gritaremos constantemente—*Viva a independencia constitucional do Brazil! Viva! Viva!—Imperador.*»

A bandeira que tão solemnemente foi entregue ao exercito, em 10 de Novembro, já a 1º de Dezembro do mesmo anno de 1822, vinte dias depois da solemnidade e menos de tres mezes depois de creada por lei, era por outro decreto modificada, substituindo-se a corôa real pela imperial. E' um argumento historico em favor da theoria de que a alteração do emblema não importa na mudança da bandeira. O primeiro emblema representava o Reino, como o segundo caracterisava o Imperio. A substituição do globo com a phrase: «*Ordem e progresso*» da Republica por outro emblema—o das armas nacionaes, por exemplo—não importaria tambem em mudança de bandeira. Esta continuaria a ser a mesma de 1822, respeitada pelo Governo Provisorio em 1889.

O decreto modificando o escudo das armas que figurava na bandeira da Monarchia, é este:

«Havendo sido proclamada com a maior espontaneidade dos Povos a Independencia Politica do Brazil e a elevação á categoria de Imperio pela minha solemne Acclamação, Sagração e Coroação, como seu Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo: Hei por bem Ordenar que a Corôa Real que se acha sobreposta no Escudo das Armas, estabelecido pelo Meu Imperial Decreto de 18 de Setembro do corrente anno, seja substituida pela Corôa Imperial, que Lhe compete, afim de corresponder ao gráo sublime e glorioso em que se acha constituido este rico e vasto continente. José Bonifacio de Andrada e Silva, do Meu Conselho de Estado e Meu Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio e Estrangeiros, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios. Paço em 1º de Dezembro de 1822, 1º da Independencia e do Imperio. Com a rubrica de Sua Magestade Imperial, *José Bonifacio de Andrada e Silva.*»

(*Vide estampa n. 3*)

Creando a bandeira nacional, em 18 de Setembro de 1822, Pedro I baixára outro decreto instituindo o «tope nacional braziliense» ou o «laço braziliense», composto das côres emblematicas, etc. Mas a 5 de Outubro de 1831, a Regencia, em um novo decreto, fixou o padrão do tope e esclareceu o de 1822, afim de «acabar com distincções e discordias entre subditos de um só e mesmo Imperio» estabelecendo: 1º que o tope nacional seria composto «de uma superficie circular verde, com uma estrella de cinco pontas, amarella, no centro, e collocado no meio da cópa do chapéo para cima, sendo redondo; e nos outros, no lugar do costume; 2º que o cidadão que contra-

viesses a disposição do artigo antecedente ficaria sujeito ás penas do art. 301 do título 7º do Código Penal impostas aos que usassem de um distinctivo que não lhes competisse.» No mesmo dia e anno, o ministro da fazenda Bernardo Pereira de Vasconcellos, baixou a seguinte decisão:

«Em circumstancias difficeis e arriscadas cumpre ao bom cidadão investigar e pôr em execução quanto em si cabe para arredar o perigo da Patria, e restabelecer e firmar sua tranquillidade, esta obrigação é mais imperiosa para o funcionario publico em que a Constituição suppõe talentos e virtudes, das quaes a principal é o amor ás instituições do paiz. Entretanto tem-se observado com geral indignação que alguns funcionarios publicos, longe de preencher tão sagrado dever, o infringem: com tal excesso, que reputam deshonoroso o uso do tope e côres que a Nação adoptou, manifestando-lhe assim uma desafeição e odio, animando os anarchistas e levando o desanimo aos bons cidadãos, persuadidos de que o partido frenetico é mais numeroso do que realmente é. A Regencia, em nome do Imperador a quem conducta tão offensiva da boa ordem e liberdade não pôde ser indifferente, Resolveu manifestar a sua desaprovação demittindo do serviço publico, que não é provavel desempenhar satisfactoriamente os que dão essa não equivoca prova de desafeição á causa da Nação... Do que o Conselheiro Thesoureiro Mór do Thesouro Nacional ficará na intelligencia, demittindo os que estiverem na sua alçada e representando quanto aos demais para se deliberar ulteriormente.»

As côres nacionaes, que o «partido frenetico» não queria usar e nem respeitar, foram, entretanto, respeitadas pelo governo provisorio no decreto n.º 4 de 19 de Novembro de 1889, quatro dias depois da proclamação da Republica:

«Considerando que as côres da nossa antiga bandeira recordam as luctas e as victorias gloriosas do exercito e da armada em defeza da patria; considerando, pois, que essas côres, independentemente de fórma de governo, symbolisam a perpetuidade e a integridade da Patria entre as outras nações, decreta:

Art. 1º—A bandeira adoptada pela Republica mantém a tradição das antigas côres nacionaes—verde e amarella—do seguinte modo: um losango amarello em campo verde, tendo no meio a esphera celeste azul atravessada por uma zona branca, em sentido obliquo e descendente da esquerda para a direita, com a legenda «Ordem e Progresso» e ponteadas por 21 estrellas, entre as quaes a da constelação do Cruzeiro, disposta na sua situação astronomica, quanto á distancia e ao tamanho relativos, representando os vinte estados da

Republica e o Municipio Neutro; tudo segundo o modelo n.º 1.

Art. 2º—As armas nacionaes serão as que figuram na estampa annexa n.º 2.

Art. 3º—Para os sellos e sinetes da Republica servirá de symbolo a esphera celeste qual se debuxa no centro da bandeira tendo em volta as palavras—*Republica dos Estados Unidos do Brazil*.

Art. 4º—Revogam-se as disposições em contrario.» (*Estampa n. 4*).

Como se vê, o proprio governo provisorio da Republica manteve a opinião de que o caracteristico essencial da nossa bandeira era o losango amarello sobre o campo verde, isto é, a combinação originalissima das duas côres e não emblema, que caracterisava a fórma de governo monarchica e não a nacionalidade brasileira. Antes de entrar em plena execução o decreto n.º 4 da Republica, a bandeira usada era a mesma da Monarchia... sem a corôa imperial. Toda gente achou que a suppressão da corôa, mantidas as côres, bastava no momento. (*Estampa n. 5*) E' sabido tambem que no dia 15 de Novembro de 1889 foi hasteada na camara municipal desta cidade uma outra bandeira, que não foi adoptada, embora chegasse a ser conhecida no estrangeiro e fosse assim descripta na *Grande Encyclopédie: vert et jaune; treize bandes horizontales alternativement vertes et jaunes; l'angle supérieur, près de la hampe est bleu semé de vingt étoiles blanches.*» (*Vide estampa n. 5 A*).

Escolhido o modelo do decreto n.º 4, a existencia do lemma *Ordem e Progresso*—levantou logo protestos na imprensa. Nunca, porém, a campanha pela suppressão do lemma e pela modificação no emblema da bandeira mereceu o apoio da maioria. Em 1892 surgiu na camara o primeiro projecto n'aquelle sentido, apresentado pelo deputado Oliveira Valladão e subscripto pelos deputados Garcia Pires, Bellarmino Carneiro, Rodrigues Fernandes, Badaró, Felisbello Freire, Nogueira Paranaguá, Pires Ferreira, Retumba, Indio do Brazil, Barão de S. Marcos, Carlos Campos, Leite e Oiticica, Novaes Mello, Augusto Montenegro e Paula Guimarães, o actual Presidente da Camara. O projecto, que nunca teve parecer, era este:

«O Congresso Nacional resolve:

Art. 1º A bandeira adoptada pelo decreto n. 4, de 19 de novembro de 1889, terá no centro do losango amarello, em lugar da esphera celeste, de que trata o art. 1º do citado decreto, as armas nacionaes estabelecidas pelo art. 2º, as quaes servirão tambem para os sellos e sinetes da Republica.

Art. 2º Na bandeira não haverá inscripção alguma, substituindo-se por azul marinho a cor

azul celeste que se vê na estampa n. 2, appensa ao mencionado decreto.

Art. 3.º Revogam-se as disposições em contrario.»

Um quadro, emoldurado, representando as modificações propostas, a côres, esteve exposto no salão da camara, mas um illustre official do exercito, então deputado, quebrou-o a soccos. (*Vide estampa n. 6*).

Outro projecto, apresentado com o n. 43 de 1906, no Senado, pelo senador Coelho Rodrigues e tendo tambem as assignaturas dos senadores Barão do Ladario, Francisco Machado, Leandro Maciel e Almeida Barreto, propunha a seguinte modificação na bandeira:

«O Congresso Nacional decreta:

Artigo unico. Até o dia 12 de outubro proximo vindouro o Poder Executivo fará eliminar da Bandeira Nacional, do *Diario* e dos Actos ou edificios puclicos, onde esteja inscripta, a divisa *Ordem e Progresso*, adoptada por occasião da Alliança do Governo Provisorio com a religião de Augusto Comte.

Nas moedas a mesma divisa será substituida pela seguinte—*Lei e Liberdade*.»

Nunca teve parecer este projecto, como tambem não teve a terceira e ultima tentativa, constante do projecto do ex-deputado por Pernambuco Dr. Celso de Souza, nº 50 de 1905, assim concebido:

«O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º—A bandeira adoptada pelo decreto n. 4, de 19 de novembro de 1889, terá no centro do losango amarello as armas nacionaes que figuram na estampa n. 2, annexa ao citado decreto, eliminada a faixa com a inscripção nella contida e elevada a 21, correspondendo aos 20 Estados da Republica e ao Districto Federal, as estrellas que circulam a esphera debuxada da mesma estampa; tudo segundo o modelo n. 1.

Art. 2.º—A bandeira nacional, tal como se acha descripta no artigo antecedente, será do exclusivo uso official dos poderes publicos federaes, estaduaes e municipaes.

Art. 3.º—Para o uso commum, fica adoptada a mesma bandeira, tendo, porém, no centro do losango amarello, simplesmente a esphera inscripta nas armas nacionaes, conforme o modelo annexo n. 2.

Art. 4.º—Para o sello e sinete da Republica servirão de symbolo as armas nacionaes, estabelecidas pelo decreto n. 4, de 19 de novembro de 1889, completado o numero de estrellas como se acha determinado no art. 1.º dessa lei.

Art. 5.º—Fica sujeito ás penas do art. 100 do Codigo Penal, reduzidas á metade, todo aquelle que usar da bandeira nacional fóra dos termos da presente lei, assim como o que fizer

emprego indevido do sello e sinete da Republica, destinados exclusivamente a autenticar ou certificar actos officiaes.

Art. 6.º—O hymno nacional, mandado conservar pelo decreto n. 171, de 20 de janeiro de 1890, sómente poderá ser tocado pelas bandas de musica:

1.º, em continencia ao Presidente da Republica, Codgresso e á bandeira nacional;

2.º, nas festas e solemnidades publicas commemorativas de datas ou feitos nacionaes.

Aos contraventores desta disposições serão applicadas as penas do art. 5.º da presente lei.

Art. 7.º—Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões, 8 de julho de 1905.—*Celso de Souza.*—*Garcia Pires.*—*Carneiro de Rezende.*—*Carlos Ottoni.*—*Valois de Castro.*—*Leite Ribeiro.*»

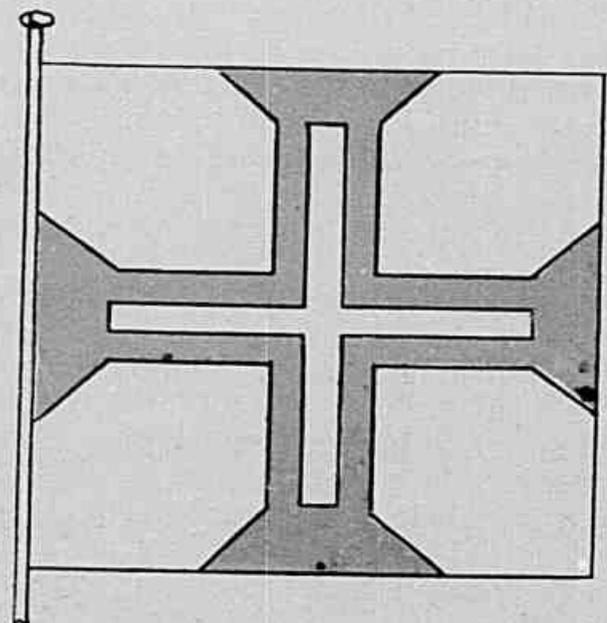
(Estampa n.º 6.)

Como se vê, este projecto do deputado Celso de Souza crêa no Brazil uma bandeira especial para o commercio, diversa da bandeira de uso official e apenas com o circulo azul do centro das armas nacionaes creadas pelo decreto n.º 4 de 1884. (*Vide estampa n. 7.*)

O pavilhão do Presidente da Republica é o da estampa n. 8.

Fica assim resumidamente e talvez incompletamente feita a historia da bandeira que todos os brazileiros amam e respeitam com intensidade que só deve ser igualada ou excedida quando se trate da bandeira que é o symbolo da Humanidade—a da Cruz Vermelha, creada pela convenção de Genebra para symbolisar os sentimentos humanitarios como as outras symbolisam os sentimentos patrioticos. Estes, apesar de elevados e nobres, sempre são um pouco mais estreitos do que aquelles.

AGENOR DE ROURE.

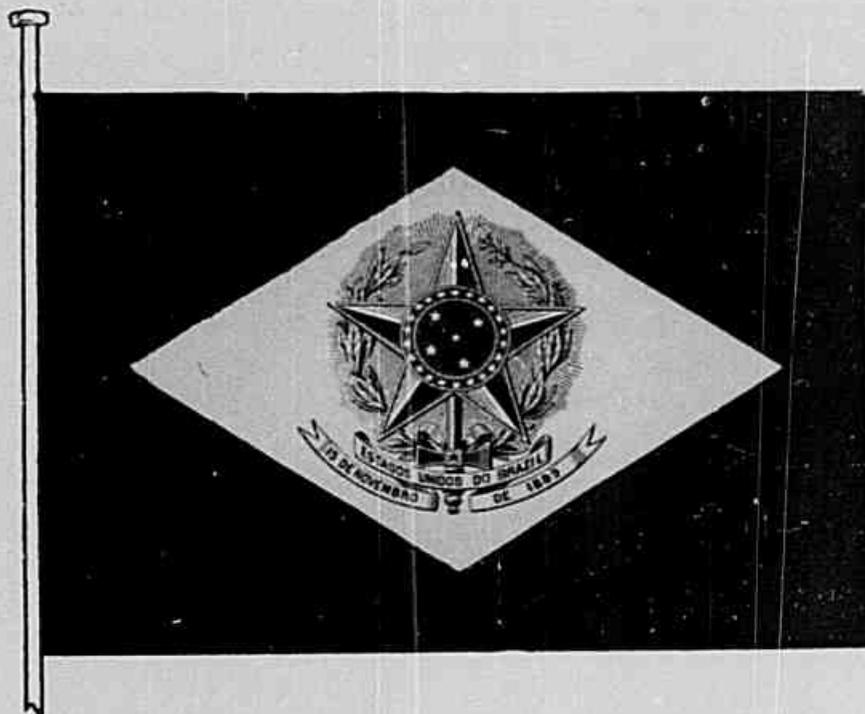


ESTAMPA N. 1

Deixamos de publicar as estampas ns. 2 e 4 por absoluta falta de espaço, o que não prejudica o artigo, pela clareza das descrições respectivas.



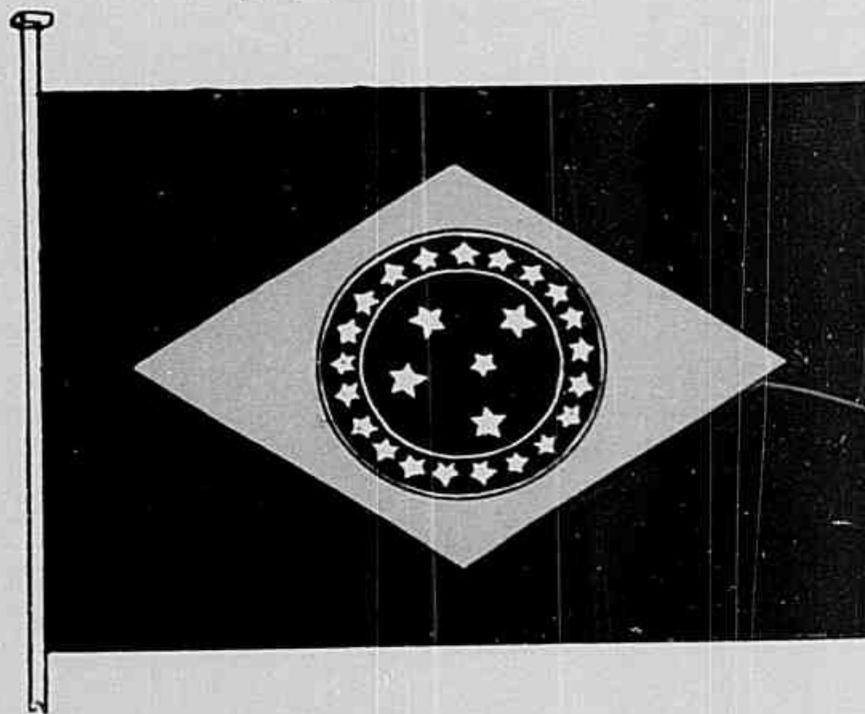
A bandeira do Imperio. (Estampa n. 3)



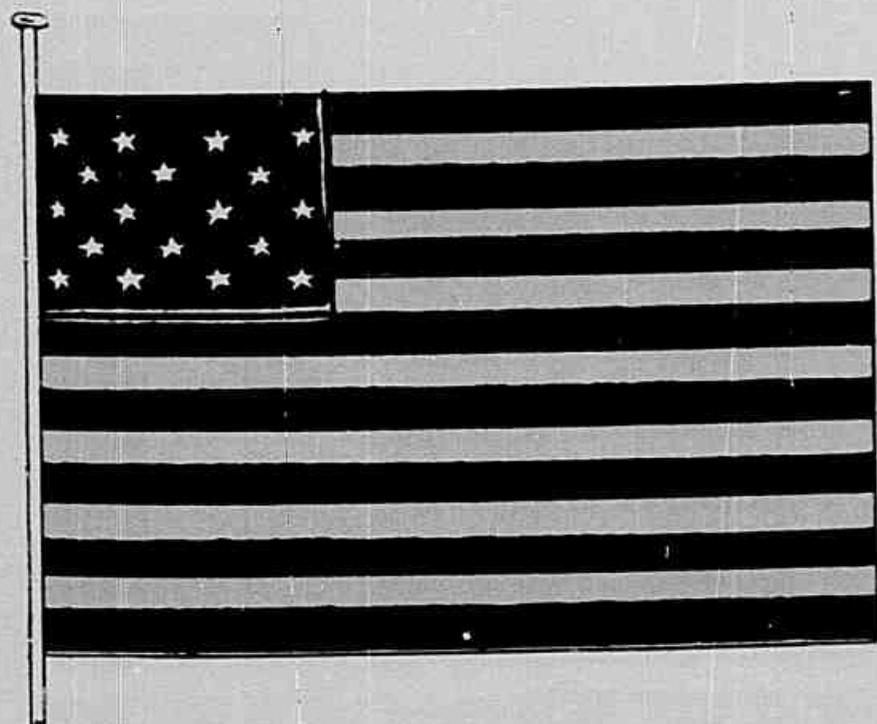
Bandeira official pelo projecto Celso de Souza e bandeira official do commercio, pelo projecto Valladão. (Estampa n. 6)



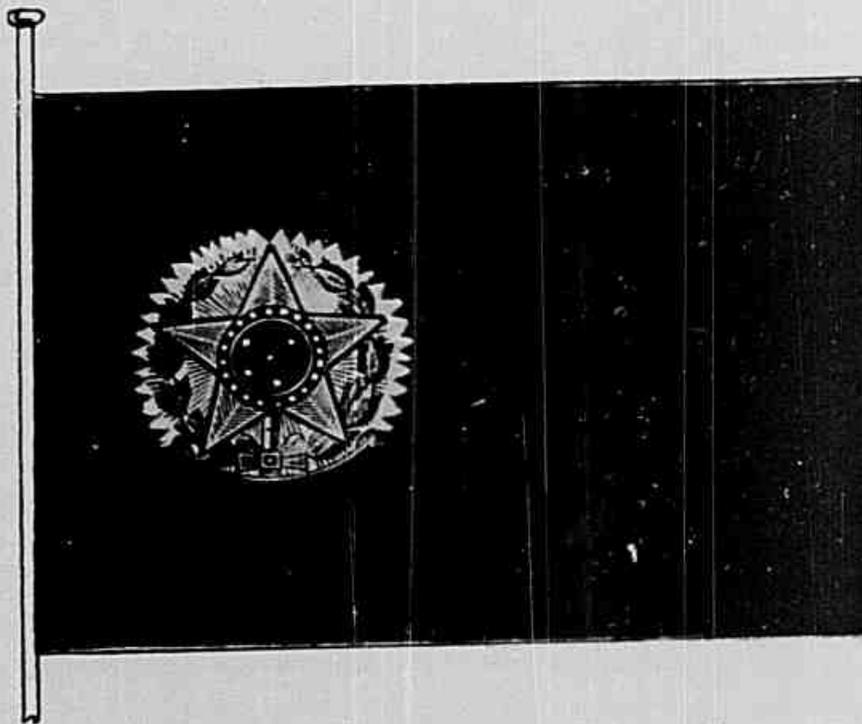
Bandeira da Republica. (Estampa n. 5)



Bandeira para o commercio. Projecto Celso de Souza. (Estampa n. 7)



Bandeira arvorada na Camara Municipal, no dia da proclamação da Republica. (Estampa n. 5-A)

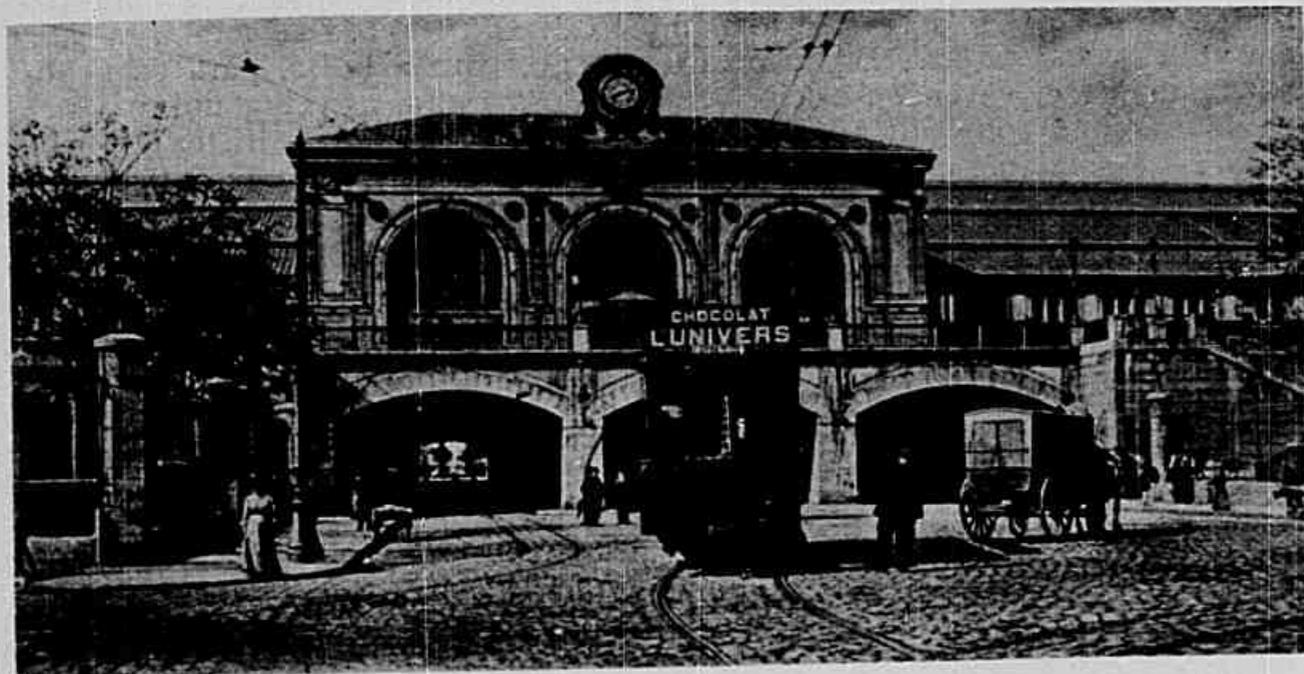


Pavilhão do Presidente da Republica. (Estampa n. 8)

De Barcelona a Lyon

é uma fera cujas acções perigosas todo mundo concebe, de que todo mundo se póde defender porque o doido é leal; mas vão lá saber as duvidas, as incoherencias, as ameaças

apenas definidas, os planos crueis, os abysmos, os mysterios que podem germinar no cerebro de um homem lucido! Todo trabalho de psychologia é falso e absurdo, porque deduzindo e determinando uma regra inquebrantavel de conducta, o mais das vezes se encontra com procederes excepcionaes e imprevistos. Assim, no Mediterraneo, quando o horizonte



GARE PYRRACHE - LYON

ATE' depois de Cette, até perto de Montpellier, o trem vae costeando o Mediterraneo, ou mais particularmente o golpho de Lyon. sempre azul, quasi sempre immovel, povoado de velas brancas, mysterioso como um sonho, cercado de costas que embranquecem na transparencia fina da luz. Na curva que faz a costa franceza entre o limite de Hespanha e Toulon, os olhos adivinham uma fuga rapida das aguas para terra, abrindo enseadas, furando portos, — porque o mar, que é um louco, tem medo de si mesmo, da sua voz procellosa, do fragor das ondas e das rondas traidoras dos ventos, e é por isto que nas bahias geralmente elle entra calmo e tranquillo, silencioso e limpido, como um guerreiro antigo das Cruzadas, subtil sob as armaduras de aço, regressando ao castello agazalhador e hospitaleiro, ou como uma aguia nova recolhendo ao ninho. Para alem é a Corsega, triste como um berço abandonado, como um tumulto vasio... Em pleno Atlantico, entre os horizontes de dois continentes, sob um céu azul que ás vezes se torna negro e ameaçador, sobre vagas que marulham e se partem em choques repetidos, a imaginação não fantasia perigos chimericos, paragens lendarias, antros poeticos, porque o oceano é revoltado, porque os abysmos estão de cada lado, porque o alto mar é rude como um guerreiro; o Mediterraneo, porém, é tranquillo e é na calma que reside o mysterio. Um louco furioso dentro de sua camisa de força

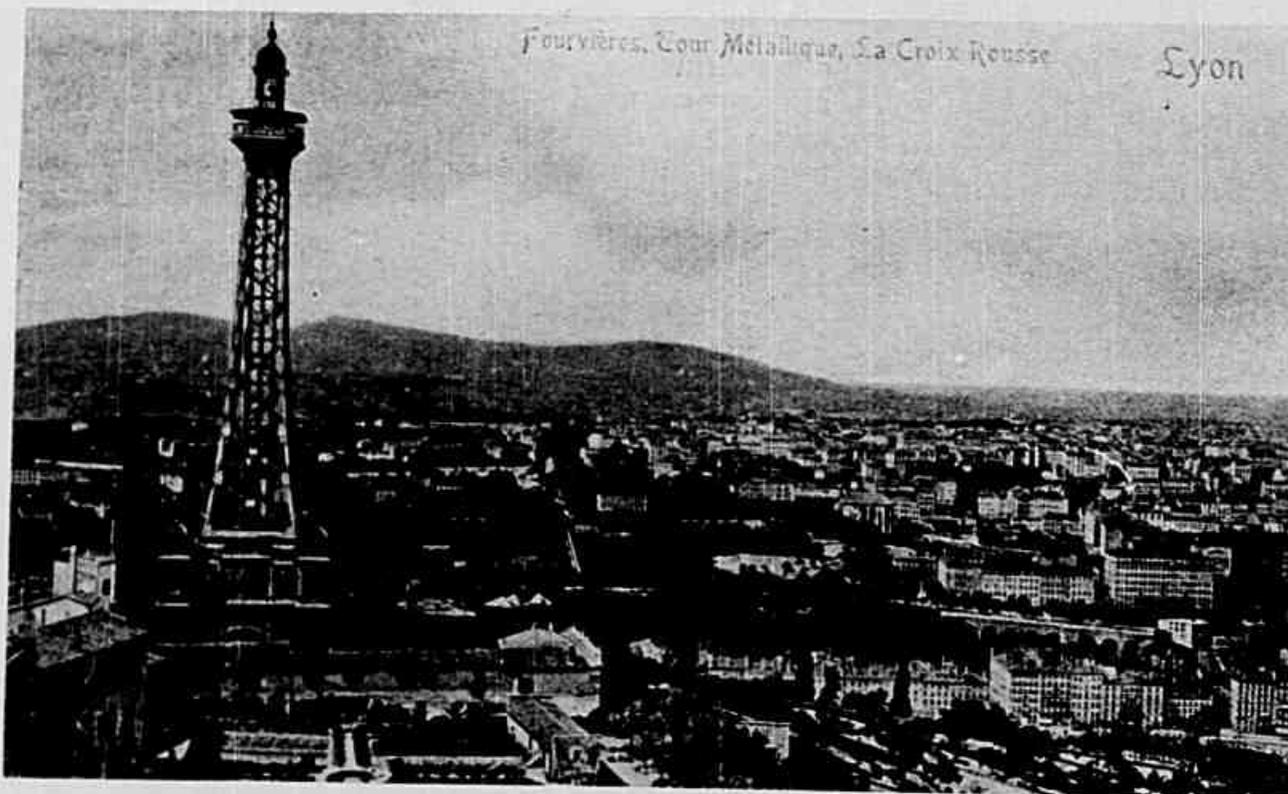
cáe n'uma curva de aboboda, o espirito desperta, abre as azas, parte, revôa, foge, e entre as aguas põe os seus fantasmas. Quando a imaginação quer, até os olhos de um cego vêm. Lá está o estreito da Sicilia, e como o crepusculo desce sobre o mar lustroso, parece, na confusão enternecedora do ocase que Scylla, a formosa apaixonada de Glauco, e que Charybdes, a filha de Neptuno e da Terra, a que justava os bois de Hercules, caminham ligeiras sobre as vagas, perseguidas, pelo ciume de Circe e pela colera do guerreiro, e que vão ambas, metamorphoseadas em monstros, — rochedos e abysmos, uma, attrahir os navios que passam, outra, engulir tres vezes, tres vezes vomitar as ondas, — no heroico, no maravilhoso dizer do velho Homero. Lá está Napoles, depois é a Grecia cheia das ruinas que conservam a alma dos Deuses, como um lenço rôto que guarda um perfume de saudade... Em terra os braços do mar fórmam ás vezes pequenos portos, refugios seguros; e o comboio ora para em Perpignan, com as suas ruas de sobrados sujos, ora em Narbonne, maior, mais rica, mais burgueza, ora em Bézier, em Cette, em Lunel, ou em outra qualquer cidadezinha já envolta em trevas. De repente, entre duas lanternas, uma taboleta surge: Tarascon. — «Tarascon, trinta minutos, baldeação para Marselha,» diz o guarda.

Era de noite já; fóra do limite da *gare*, por traz de um parapeito de pedra, brilhavam

as luzes da cidade, uma praça, umas ruas centrais; umas casas de campo, silenciosas e com jardim, repousavam na sombra, um bond de burros passou vagarosamente; e apertadas entre muros baixos, ruas estreitas e macadamizadas, occultavam-se na sombra. Dois vultos caminhavam: eram «elles», os *malfeitores* que o bom Tartarin tanto desejava encontrar... E uma pungente saudade começou a apertar o coração, uma d'estas saudades mudas que veem de repente, sem causa, sem motivo, uma saudade indolente que dóe n'alma e amollece o corpo, esta saudade que se póde chamar a volúpia da tristeza, a saudade do que foi, a saudade do que não é, a saudade nascida da certeza de que nunca os olhos anciosos encontrariam allí a figura amada de Daudet, da convicção de que o heróe do romance não viveu individualizado, porque todos nós temos um pouco da alma de Tartarin. da recordação do livro lido na primeira mocidade, relido á cada hora de sensibilisação nervosa em que toda pagina adquire o valor de uma auto-biographia. E quando o trem arrancou, quando n'uma curva desapareceram as luzes da cidade, o soffrimento augmentou, como si Tarascon fosse um pedaço amado da Terra natal... Como é commodo não saber lêr! A' uma hora da madrugada o trem parou dentro de uma longa estação: era Lyon. Descendo a escadaria da *gare* Perrache, seguindo os carregadores, os viajantes somnolentos caminhavam para um carro ou para um hotel. A grande cidade dormia, e os passos dos caminhantes resoavam no calçamento como os de uma patrulha retardada que recolhe ao quartel.

Lyon, a segunda cidade da França até 1901, hoje inferior á Marselha em população, é grandiosa, silenciosa e triste. As longas ruas de altas casas, as pontes, os rios, os parques, os outeiros lembram Paris. A população commercial afflue todas as manhans para o centro urbano, para a bolsa, para os negocios, enquanto a outra, a velha nobreza fica nos seus palacetes opulentos e tristes ou enche as igrejas, porque o lyonez é mystico. A' noite o unico ruido que se ouve depois dos theatros é o marulho das aguas do Rhodano e do Saona que dividem a cidade em tres partes a Cidade nobre, patria de Santos e de imperadores Romanos, Lyon insurgiu-se contra a Revolução, esteve para ser destruida, e deve o seu definitivo progresso a Napoleão I que a salvou da ruina, — o que foi um facto excepcional no seu genio destruidor. A sua vida commercial consiste na fabulosa industria das sedas. Casas, fabricas, igrejas, parques, jardins, palacios, avenidas, rios, mar constituem a physionomia de uma cidade, como a cara e os gestos constituem a physionomia de um individuo. Ha homens rudes, rusticos, angulosos; ha os finos, agradaveis, insinuantes; assim tambem algumas cidades são duras para o estrangeiro, atrevidas, insolentes, aggressivas; outras são carinhosas, affaveis, agazalhadoras. Em Bordeaux tem-se a impressão de insegurança, de navio em alto mar, (talvez porque á margem dos cáes os altos mastros fazem visinhança com os telhados) e a sensação de movimentos desencontrados, de desequilibrio, de pipas rolando ladeira abaixo, decerto por causa dos barris de vinho que em filas de kilometros esperam

embarque. Em Lisboa se está como n'uma liteira, docemente embalada por musculos possantes, conduzida entre a sombra de arvores verdes, de frente de um rio que reflecte o céu. S. Paulo é como um trem de luxo rodando vertiginosamente, bem acolchoado, bem aquecido. A Fortaleza é uma jangada arfando no mar verde. O Recife é uma sêsta calma em um engenho tranquillo. O Rio tem sua-



vidades de automovel sobre asfalto, desigualdades de tilbury em rua esburacada. Em Madrid tem-se a sensação de terra firme, de torre erguida sobre campos nús. Paris é o conjunto das impressões bizarras. Lyon é uma alcova com divans macios recobertos de sedas.

da cidade é á beira dos cães, á margem dos rios onde a todo o instante deslisam os *bateaux-mouches* em corridas apressadas. Não ha nada mais pittoresco do que o scenario de um rio que atravessa uma cidade; é delicioso ficar em um tombadilho, de chapéo e bengala, subindo ou descendo a correnteza, vendo as duas mar-

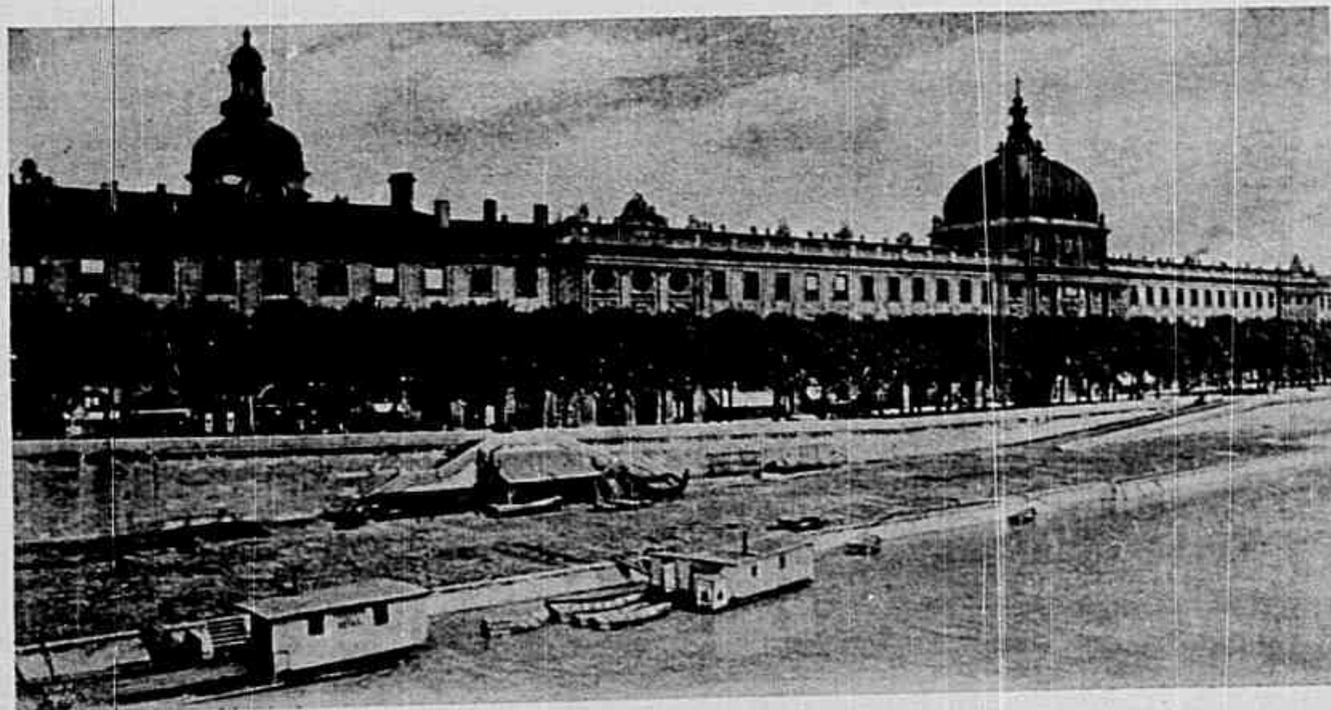
gens que se desenrolam como fitas, quasi que ouvindo o que na rua dizem os transeuntes. Aos poucos as casas compactas, as ruassem fim vão ficando para traz, surgem os primeiros campos abertos ao ar livre, e o rio tambem adquire mais liberdade como um passaro que foge da gaiola. Então ninguém se sente estrangeiro, porque si as cidades pertencem aos respectivos cidadãos, os



A praça Bellecour, larga, ampla, grandiosa em cujo centro se ergue uma estatua equestre Luiz XIV, soberbamente vestido de Imperador Romano, é o centro elegante de Lyon, porque nos arredores vive a antiga nobreza, a fidalguia «*vieille roche*» que em Paris habita o faubourg S. Germain; na rua e praça da Republica o movimento commercial é maior do que nos outros pontos; no meio da praça está o monumento de Sadi-Carnot, em marmore, justamente no lugar em que o grande Presidente cahiu ferido sob o punhal de Caserio Santo; na praça dos Jacobinos, em frente á Bolsa, nas immediações da Municipalidade grupos estacionam: mas a vida pittoresca

campos são de todo mundo.

Além do museu, uma das maravilhas de Lyon é a Cathedral de S. João, ao pé de Fouvière, em estylo romano, encravada em uma rua da cidade velha. As egrejas, porém, escuras, sisudas, solemnes dão melancolia, pesam sobre o coração; e como Lyon é triste, o cocheiro do carro adivinha a angustia do



HOTEL DIEU — LYON

viajante e se dirige para o parque, o nobre parque cheio de sombras amigas e arvores antigas, bordado de lagos immoveis, povoado por uma multidão alacre de creanças festivas que sempre que vão a transpor os pesados portões de ferro, detêm-se a mirar com respeito o monumento commemorativo em honra das legiões do Rhodano que em 1870 partiram para o norte, para os limites da Prussia.

olhos, cujo modo de andar, cuja roupa, cujos sapatos eternamente ficarão gravados na memoria. A curiosidade desperta:

— Cocheiro, quem é aquelle homem?

O cocheiro volta-se na boléa, estira o pescoço, avança a vista, mas o sujeito já desapareceu, dobrou uma esquina, foi embora sem dizer quem era, sem notar a curiosidade que despertára. Quem seria aquelle homem cuja ami-

zade nos traria a desgraça, a felicidade, ou mais provavelmente nem uma coisa nem outra? Como as relações humanas ainda são difficeis! E o mais aborrecido é que em cada cidade estrangeira a gente encontra dois ou tres desconhecidos que interessam...

— En voiture, s'il vous plait!

Santo Deus! O homem embarcou no mesmo wagon, o desconhecido! M. N. eram as ini-

ciaes da sua chapelleira: depois na mala de mão appareceram estes nomes: Michel Nodier. Que importava esse Miguel! Estava decifrado o mysterio, o trem rodou para Paris. Que pena não ter esse viajante ficado em Lyon!

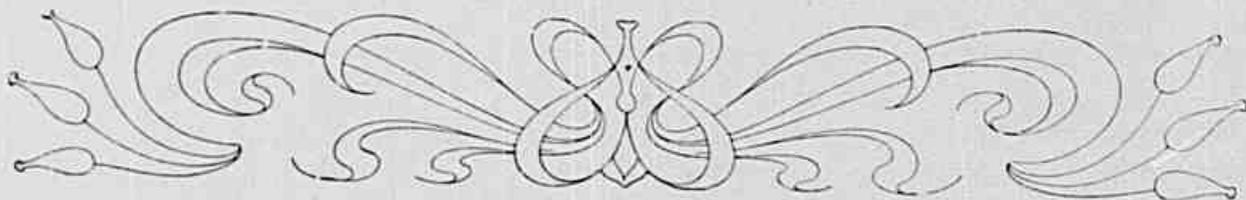
Madrid — Janeiro — 1907.

THOMAZ LOPES.

LYON. — 14. Porte monumentale du Parc et Monument des Enfants du Rhone.



E' uma hora da tarde; o trem para Paris parte ás tres: o carro retrocede, dá mais algumas voltas na cidade, e os olhos de quem parte pousam um momento n'um sujeito que passa apressado. Quem é? Ninguem que interesse, um desconhecido, um estranho, um estrangeiro, um homem bom ou um homem máo, em todo o caso um individuo que nunca mais a gente encontrará, mas cuja côr dos



Ao Rio Grande do Sul

FILHO do Norte, nascido á sombra da floresta, cujo perfume capitoso, feito do halito das flores, da exalação das resinas que os troncos lacrimejam, das negras, luzidias favas dos baunilhaes maduros, deu o ambiente aromal em que cresci, sempre amei a selva na sua grandeza, a arvore na sua formosura.

O meu berço é arenoso, mas das dunas alvadias e refulgentes vai-se, em caminhar suave, ao bosque, ao monte, ao rio.

As areias alongam-se rutilas em deserto que não chega a ser esteril, porque sobre a seccura que branquea reverdece e resiste uma vegetação heroica e sobria que parece alimentar-se do ar contentando-se, para a sua sêde, com o orvalho que a roreja á noite.

Filho do Norte, quando ouvia descrever as paisagens do Sul, o meu espirito curioso desejava-as, não tanto pela belleza, porque eu tinha os olhos ainda deslumbrados, mas pelo contraste, pela originalidade e, mais ainda, pela tradição que é tão vivaz naquella zona trabalhada por tantas luctas que não ha coxilha onde se não tenham encontrado bandos, canhadas onde se não hajam atropellado guerrilhas, capões que não tenham flammejado fogos de acampamento, estancias que não tenham ficado em tapéras, arrasadas pelos peleadores.

Parti.

A minha primeira impressão foi de medo, ao affrontar-me com a barra onde, sobre um mar sinistro, lugente, cor de lodo e denso, tange ás oscillações da boia, um sino funereo, como plangendo os mortos sepultados nas vagas, tumulos d'aquelle humido cemiterio lugubre de onde, á flor das aguas, emergem os mastros seccos dos navios sossobrados.

Entrando o paquete, cauto, vagaroso, sorrateiro, a fugir aos perigos d'aquelle mar de Traição, appareceu o porto.

Terra, enfim! O Rio Grande!

Fiado nos dizeres que correm o forasteiro que se vai chegando ao littoral logo estende, com ancia, a vista devassadora procurando o «gaucho», o centauro invencivel qua habita o cavallo e nelle anda de sol a sol, ora em viagens alegres atropellando o bagual, levantando o gado alçado ou, desabrido, correndo á redea solta, ponche ao vento, lança em riste para ajuntar-se á algára que vai, de rincão

em rincão, devastando como os hunos de Attila, com ligeiras paradas para carnear uma rez, assar o churrasco, fumar um cigarro e proseguir na arremettida feroz.

Debalde meus olhos buscaram esse ente tragico—viram ao longe, hirtas, com immensas flammulas de fumo, não lanças de guerra, mas chaminés de industrias.

A cidade trabalhava; mourejava; os seus formidaveis pulmões de ferro respiravam fumo espesso.

As carretas cruzavam-se atupidas de fardos; locomotivas manobravam silvando e no porto apinhavam-se mastros de navios formando uma flora excidua; barcas ligeiras sulcavam o mar escuro, rebocadores passavam soberbos ajoujados a catraias; guinchavam guindastes e o commercio azafamava-se em faina incessante—eram aqui saveiros descarregando, alli falúas recebendo—barcaças cheias de couros, acoguladas de chifres, empilhadas de surrões.

Homens contando, algazarra de estivadores; por toda a parte o movimento febril, a alegria, a actividade.

Fui-me ao comboio que esperava.

Areaes, a principio; logo pequenos ranchos, depois aldeias e enfim, o campo, o verde, macio, avelludado campo—ora liso, planicie rasa, interminavel, que vai ter ao horizonte, ora ondulando em coxilhas que parecem os vagalhões petrificados de um oceano que, sorprehendido, em procella, pelo poder de um deus, se houvesse solidificado conservando os relevos da sua furia tormentosa.

E, por lombos altos e canhadas concavas, nos baixos ou nos espinhaços, á beira das sangas, nos molles banhados, longe e perto, o gado profugo, pastando, ruminando, ou junto em armentio, volteando no rodeio.

Aqui, os bois possantes, immoveis, olhando tranquillamente; os novillos correndo; as vaquillonas ariscas fugindo aos galões por entre as chilcas. Mais longe, em bando compacto fervilhando como vermina, as ovelhas pastando a herva mais terra e, por entre o gado, as avestruzes galopando assustadas, o *João grande*, as garças de neve, os colheireiros roseos formando a orla viva dos açudes luzentes nos quaes, como em espelhos, o sol rebrilha e afogueia.

Esperto, como o genio domestico de terra, a vigilia permanente, sentinella alada da companhia o *quero-quero* espreita.

Activo ao sol, insomne á noite, ao mais leve ruido logo levanta a voz e vôa avisando os companheiros e o alarma das aves accorda o silencio.

É o animal symbolico, que podia figurar no escudo da terra como o gallo apparecia nas vexillas de Vannes e de Karnac, á frente das hostes guedelhudas de Vercingetorix.

A campanha do Rio Grande nos seus multiplos aspectos, não é para ser descripta em linhas tão ligeiras.

Na serra é a fructa de polpa saborosa, são as searas pingues e, por toda a parte, em cachos como os que acharam em Chanaan os emissarios de Israel, a uva amadurece em estendaes extensissimos.

Livre-se o Rio Grande da golilha que o estrangula—a barra—e a sua riqueza transbordará em abundancia maravilhosa.

No día em que os navios poderem, sem risco, aproar á terra, nós proprios, já não digo o estrangeiro, pasmaremos da magnificencia e será um espanto quando os campos mandarem as suas crias: o gado, a ovelha, o cavallo; selva e monte derem a sua fauna; despacharem pomares os gigos de preciosa fructa; mandarem as hortas os seus legumes tenros; subirem das fartas colonias as filas de wagons carregando os cereaes, o vinho, o mel, os lacticinios e as fabricas, que são numerosas e de varia industria, expedirem, com facilidade, o panno, o chapéo, o calçado, a ferragem, o correame, o movel, a tapeçaria, a conserva, o rebuçado, o biscoito, a gravata, o espartilho, e mil outros artefactos em que se ensaiam industriaes activos cuja energia se vê constringida pela insidia da barra.

Parece que o Rio Grande activa o seu progresso em mysterio como o constructor que levanta um palacio por traz da parede esborcinada de um pardieiro, A barra esconde a grandeza, deixa que a obra se complete para abrir-se em plena razão de progresso, quando tudo estiver a termo e o Estado poderoso possa apparecer com a cornucopia abarrotada, demonstrando a sua fertilidade e o labor dos seus filhos.

E não vem longe esse dia.

Foi-se o tempo infecundo e sanguinoso das luctas—os acampamentos de outr'ora são agora cidades, o proprio gaúcho desapareceu, é apenas uma tradição.

O cavalleiro de combate que boleava, lanceava, alarmava os povos da campina e da serra, faz hoje a vida tranquilla de agricultor

ou pasror e, se sóta o cavallo no campo, é para tocar o touro, juntar o rodeio, separar o sinuelo.

Nem mais se encontram, senão em rincões remotos, o gado alçado e o bagual—potreiros e invernadas tem-nos em seguro abrigo e sempre sob as vistas do homem.

É verdade que, á beira dos fogões, junto aos espetos em que rechina o churrasco, ao calor da chamma que faz borbulhar a chaleira, ainda se ajuntam gaúchos.

Tassalha-se o costilhar ou a matambre, o matte amargo circula, geme melancolica a viola. A chimarrita desperta saudades... Então recorda-se o antigo tempo; um velho conta as façanhas d'antanho: as gauchadas, as represalias, feitos de guerra, casos de amor, raramente, que o povo não tem superstição, uma lenda, mas o céu aloura-se, cantam as aves, o gado muge e a gente lá vai ao serviço pacifico, sereno, sorrindo, enquanto o sol sobe alumando e fecundando os campos de verde alfombra.

Terra forte! Terra heroica! Terra de cavalheirismo e de bondade, bem hajas! Que os teus poetas, que são inspirados, celebrem a tua gloria, eternisem, nos seus poemas, o teu passado valoroso; que os artistas conservem as tuas tradições, guarde a Mulher o typo da sua belleza, na qual a graça peninsular é realçada pelo quebranto languido da faceirice creoula e que os teus novos gaúchos laboriosos aproveitem as riquezas que teu seio encerra e que os outonos fazem vir a flux.

Tudo possues, terra amerceada—o teu solo é feraz, o teu ar é sadio, o teu céu é azul, as tuas aguas são limpidas e a tua gente, que direi della?

É bem a familia do patriarchado biblico—acolhedora e altiva, abrindo o lar ao hospede, dividindo com elle o pão e o vinho do ágape, recebendo de coração aberto, mas travando da lança ao primeiro grito e sahindo denodadamente para a peleja se vê a casa ameaçada ou a Patria offendida.

Estas são as palavras de minha gratidão á terra de eu trouxe mais vida e ao povo que me captivou pelo affecto e do qual a saudade nunca permittirá que olvide.

COELHO NETTO.

TRADIÇÕES

FOI sob a pezada impressão dos desastres inesperados e rapidos, que a Cidade inteira ouviu a má noticia desoladora, de que definhava e morria, na rapidez surpreendente de um grande mal incuravel, a magestade epica das Palmeiras do Manguê.

E a Alma simples do Carioca alarmou-se, no espanto tardio do seu orgulho ferido. Deixassem-no sem o luxo necessario do cães, sem a elegancia alegre das avenidas e sem a limpeza precisa do Canal: mas não lhe tirassem o orgulho daquellas arvores, sem sombra, mas cuja belleza e altivez, eram como que o symbolo exacto desta linda Terra Carioca.

Pois que? Seria mesmo possivel que o desazo das indifferenças officiaes, o descanço molle das negligencias burocraticas, chegassem á incuria desairosa desta prova terrivel?

Aquille que alli está, aquella belleza d'Arvores fidalgas, aquella egregia apotheose de frondes, representam o orgulho da Cidade e a expressão exuberante da fertilidade da Terra.

E agora que haviam dado áquelle extenso palmeiral soberbo, a linha nova de avenida larga, a base limpa d'asphalto: agora que elle guardava, lado a lado, no aprumo imperial de uma extranha ronda de archidukezas, o caminho claro de uma ampla rua elegante; agora que se começava a perceber a magestade daquelle aspecto, a belleza senhorial daquelle ornamento; agora é que se vem declarar, na vulgaridade insidiosa de uma noticia indifferente, que ha um mal terrivel que começa a abater a soberbia daquellas frondes e ameaça quebrar o curso vigoroso daquelles troncos?

Mas, foi só agora que se percebeu a gravidade do Mal? Só agora, depois de tão serias manifestações terriveis, é que se nos vem dizer que, talvez, seja tarde para o carinho de um tratamento rigoroso e para a esperança de uma cura desejavel?

Dóe fundo n'Alma dos que amam esta linda Terra, dóe, a indifferença desta terrivel noticia agourenta.

Quem por alli passasse, quer na alegria folgada dos passeios, quer no cumprimento honesto das obrigações, havia, por força de sentir que a Alma inteira se curvava na unição respeitosa de quem penetra num Templo. E hoje, com a febre dos renovamentos, com a rapidez transformadora por que se vae melhorando a nossa velha Cidade aldeia, aquella fila extensa de sentinellas augustas, tinha encantos indiscriptiveis, bellezas de um inedito de assombrar. A mim, muitas vezes, me aconteceu deixar-me ficar parado, alli á entrada daquelle magnifica alameda, a olhal-a em toda a sua extensão, orgulhoso e encantado, a Alma aberta á Phantasia o o Olhar extasiado na belleza da Contemplação.

Bem sabemos nós, cariocas de hoje e de antanho, quanto é fertil este sólo na admiravel procreação das Arvores e que outras ha, filas enormes de palmeiras, como no Jardim Botânico, que bem podem demonstrar ao olho espantado dos contemplativos, a belleza da especie e o orgulho da raça.

Mas... As do Jardim Botânico, por exemplo, têm o carinho amoroso das especialidades: são a representação scientifica da pujança da nossa Flora e como que vivem no preparo das estufas para a impressão das cousas raras. São a alegria dos pic-nics elegantes, no sabor encantado de um parque primoroso e vivem a vida calma dos arrabaldes distantes, defendidas pela prevenção policial dos gradis de ferro e guardadas com a avareza das preciosidades.

E' a alamêda dos ricos, dos namoros educados da gente fina e poderosa.

Tem a consagração official das visitas de etiquetas e, mal desembarcados os hospedes illustres, é para lá, para a admiração espantada daquellas Arvores, que os leva o bom gosto dos que governam.

E as Palmeiras do Manguê? Essas nasceram, pode-se dizer, com a Cidade, são as filhas humildes da Rua, vivem na communição honesta do povo que trabalha.

Não têm a preocupação lisongeira de serem vistas e admiradas; mostram-se na li-

berdade ampla da Rua, ao olhar acostumado dos que por alli passam

Não lhes deram defezas, nem de refugios, nem de gradis e, assim mesmo, ellas cresceram alli, na terra dura da Rua, livres e gloriosas, com toda a pompa daquella raça fidalga, com toda a linha daquella estirpe nobre.

E' por isto que o povo as adora; é por que elle as vê, dia a dia, junto da sua vida, no meio da sua Rua, dignificando-lhe a Cidade, orgulhando-lhe a Alma.

São as boas amigas da gente humilde, da alegria franca dos garotos e do sentimento simples dos namorados felizes.

E se não lhes cerca o carinho educado das Convenções, nem a procura chic dos passeios galantes e das visitas presidenciaes, anda-lhes em roda, ama-as, numa veneração

de idolatria, a Alma simples do Povo, de cujas alegrias ellas participam e cuja Dor tambem choram.

Dizem que estão morrendo as Palmeiras do Mangue.

Mas, com certeza, nas altas regiões dos que mandam, um'Alma deve haver que se interesse por ellas e que se apure na busca de um remedio restaurador, que lhes resta-beleça a magestade do Porte a solemnidade do Aspecto.

Não: não se deixa morrer assim o orgulho da Cidade e nem se abandona aos estragos de um Mal, o padrão mais glorioso da exuberancia livre desta linda Terra.

Fevereiro - 907.

MARIO PEDERNEIRAS



ASPECTO DA CENTRAL POR OCCASIÃO DA CHEGADA DO DR. CAMPOS SALLES

BANDEIRANTES

(EPISODIOS)

I

NAS faldas de ridente collina, á direita do Anhanhonia, uma legoa distante do Rio das Velhas ali pelos annos de 1675 a 1677, estacionara a grande bandeira que sob o commando de Fernão Dias Paes Leme partira de S. Paulo em 1674, á descoberta das esmeraldas nos mysteriosos, sertões do *Sabarabucú*.

Estendiam-se em grupos os ranchos dos expedicionarios brancos e indios; alem mais, no terreno aceirado de fresco, as plantações vastissimas de cereaes para o sustento da bandeira subiam no terreno onduloso té confundir-se o seu tom verde claro nas grandes massas escuras do mattagal bravo.

Meia legoa do arraial, no tope de um serrote, mais vasta e bem cuidada, cercada de grandes roças, estava a casa em que residia com seu filho Garcia Rodrigues e seu genro Manoel Borba Gatto, o velho chefe dos paulistas, no meio dos ranchos de seus fieis goyanazes.

Ali haviam acampado após um percurso trabalhoso e funesto pelos combates sustentados com as tribus de gentio bravo, molestias e fadigas, reduzida a bandeira ainda pelas deserções dos que, menos animosos, preferiram atravez de mil perigos demandar o ponto de partida a seguir avante por entre a floresta espessa em busca das afamadas minas de duvidoso encontro.

Assim tinham feito Mathias Cardoso, adjunto do commando, Antonio do Prado, Antonio Gonçalves e outros... outros mais.

De sorte que reduzido quasi aos seus proprios recursos, baldo de munições de guerra, minguada a gente para seguir avante, Fernão Dias assim como fundara já os arraiaes de Ibituruna e Santa Anna do Paraopéba, installou-se no local que os indigenas denominavam *Anhanhonia-canhuva*, fundando o arraial de S. João do Sumidouro, fazendo nas ferteis varzeas do sitio enormes plantações para o que pudesse acontecer, pingues recursos lhe offerecendo ainda o rio e a matta.

D'ali e máu grado as solicitações dos seus que preferiam voltar o velho paulista tenaz e obstinado, despachou para São Paulo dous fieis emissarios com cartas para o governador

Furtado de Mendonça, para a Côrte e para sua mulher D. Maria Garcia Betim, matrona de grandes dotes de energia, pedindo urgentes soccorros.

Tres annos demorou a resposta e foi nesse tempo em que tudo para os exilados dos seus lares era incerteza, que proseguindo impavido nas pesquisas que emprehendera, descobriu Borba Gatto as ricas jazidas auríferas do *Sabará*.

No ponto em que se erguia a Quinta, como era chamada a casa do fidalgo Paulista, concentravam-se os seus companheiros de mais confiança; no arraial a mór parte da bandeira sob a direcção de José Dias Paes, mameluco e filho natural de Fernão Dias, creado por sua esposa com carinhos verdadeiramente maternas.

Na casa grande estava tudo quanto restava de munições e armas de fogo á desbaratada bandeira; no arraial quasi que só sagittarios.

Temerosos de que não viessem os pedidos soccorros, certos de que a firme e obstinada recusa de Fernão Dias á idéa da volta se repetiria a cada nova solicitação, lavrava surdo o descontentamento entre aquella gente que a cobiça lançara aventurosamente ao sertão desconhecido e que a inercia desesperava.

Murmurava-se contra a teimosia orgulhosa de Fernão Dias que não quizera voltar a São Paulo envergonhado do fracasso da expedição, e punhos ameaçadores se erguiam em direcção á Quinta.

Dessas murmurações aos actos de rebeldia pouco tempo medeou.

E já que o unico obstaculo á volta era Fernão Dias deliberaram os descontentes supprimil-o violentamente, pela morte do velho paulista. E taes os passos que deram, tão alastrada a conspiração que conseguiram para o conluio attrahir o proprio José Paes, que a confiança paterna investira do principal cargo no Sumidouro.

Tramou-se a principio occultamente; depois, fortes pelo numero, perderam a prudencia e combinaram enfim um ataque á Quinta em que morto Fernão Dias e de posse das armas e restantes munições, reconstituissem a columna para a retirada.

Uma noite, aquella em que deviam determinar o momento do assalto, reuniram-se os principaes conjurados na casa do mameluco.

Foi longa a reunião e animada a discussão acalorando-se as vozes que se erguiam quebrando o silencio do arraial em repouso.

Attrahiu isso a attenção de uma india goyanaz que, se aproximando curiosa da casa

de José Paes escutou toda a discussão travada.

Horrorizada com o que ouvira, correu á choupana e tudo narrando ao marido partiram pela noite escura a dar aviso a Fernão Dias, adorado pelos indios daquela tribu do que se tramava contra a sua pessoa.

Inteirado de tudo, ordenou o chefe dos bandeirantes a seu filho Garcia Rodrigues que reunisse toda a gente fiel e ao romper do dia desse sobre o arraial, prendendo todos os chefes compromettidos no conluio, e acompanhado pelos dous fieis indios partiu para certificar-se por si mesmo da veracidade da denuncia.

Quando occulto ainda pelas sombras da noute chegou ao arraial ainda corria animado o conciliabulo e poudo ouvir com que dôr d'alma! o seu proprio filho, o sangue do seu sangue animar os scelerados intentos dos rebeldes.

Ao romper d'alva, cercado o arraial pelas tropas de Garcia Rodrigues, não houve resistencia por parte dos surprehendidos conspiradores.

Tinha o commandante da bandeira real direito de vida e morte sobre os que a compunham.

E pois Fernão Dias inquerindo os culpados, chegou á triste conclusão de que era o cabeça principal José Dias Paes.

E cerrando ouvidos ás supplicas, calando a propria voz da consciencia, só a este con-

demnou á pena ultima para exemplo e escarmento dos mais companheiros. Aos outros perdoou. José Dias Paes foi enforcado com toda a solemnidade no centro do arraial e novo Bruto, impassivel assistiu-lhe ao suplicio o rigido paulista.

Depois, fez vir á sua presença os demais presos.

Mostrou-lhes o cadaver do filho supliciado e disse-lhes não terem tido elles a mesma sorte unicamente porque fôra a convite seu que elles haviam se internado naquellas brenhas incultas e selvaticas. Mas que perdoando-lhes o crime, não poderia mais consentil-os em sua companhia. Fossem... seguissem... para esse sertão que elles desejavam evitar tirando-lhe a vida. E que não mais se encontrassem na terra.

Mudos, cabisbaixos partiram os criminosos por entre os olhares dos companheiros de tantas lutas, de tantos perigos, agora para sempre separados.

Além, mais longe, do alto da collina, lançaram um ultimo olhar ao arraial que muitos não mais deveriam rever.

E penetraram na selva mysteriosa cujos thesouros immensos ali os haviam trazido para o eterno desterro... para a morte, quem sabe!

Rio, Março — 907.

MARIO BEHRING.

O outeiro da Gloria

○ Rio de Janeiro não é, ainda hoje, das capitães sul-americanas que contam mais sumptuosos monumentos em quaesquer generos de architectura; entretanto, em seus edificios, em suas construcções, já pelo accidentado do terreno, já pela fórma caprichosa das culminancias, já pela escôlha dos locais em que se fôram successivamente installando os primeiros povoadores, o pensamento absorto na magnificencia de uma natureza excepcional, não sabe o que mais admirar—si a

incuria dos homens, que não teem sabido aproveitar-se de tantos recursos naturaes, si tantas e tantas bellezas accumuladas em uma só localidade.

Destacaremos d'entre essas, o outeiro em que se acha collocada a Igreja de Nossa Senhora da Gloria.

Entre as praias de Santa Luzia e do Flamengo eleva-se uma pequena collina, de cuja chapada se avista todo o panorama da parte concentrica da cidade.

Ha duzentos e trinta e seis annos, o mysterioso eremita Antonio Caminha, em cumprimento de um voto á Santissima Virgem, mandou edificar, ou, segundo outros, cons-



A GLORIA EM 1835

truiu elle mesmo, sem auxilio de ninguem, e com suas proprias mãos, uma modesta ermida sob a invocação de Nossa Senhora da Gloria, ao alto da pittoresca collina que domina a então chamada *Praia dos Pescadores*.

Em 20 de Junho de 1699, o Dr. Claudino Gurgel do Amaral, dono e possuidor do outeiro em que o humilde eremita levantára a Capellinha, doou todo aquelle terreno á Virgem da Gloria, sob condição de se reformar o modesto templo, dar accommodações para os romeiros que, no dia da Invocação, 15 de agosto, lá fossem erguer preces pelos seus milagres e levar-lhe as respectivas *permissas* (sic). Cinco annos depois, o doador, tomando ordens sacras, se assignava Frei Claudio do Amaral, tal seu apêgo á religião, tal seu interesse pelas cousas da Igreja.

Subsistio ainda por quinze annos a primitiva Devoção de Frei Antonio, até que, em 1714, a Capellinha foi reconstruida; e, com as esmolas recolhidas, fizeram-se as obras do primitivo adro, a casa para os romeiros e a cisterna de *roldana e balde* (sic).

Por muitos annos, esta Capellinha, se melhorando aos poucos, alargando a sacristia, e augmentando suas dependencias, conservou-se a cargo de Irmandades até que passou ao dominio dos Capuchinhos italianos, alli asylados por se lhes haver tomado o antigo hospicio de sua residencia para installação dos Carmelitas.

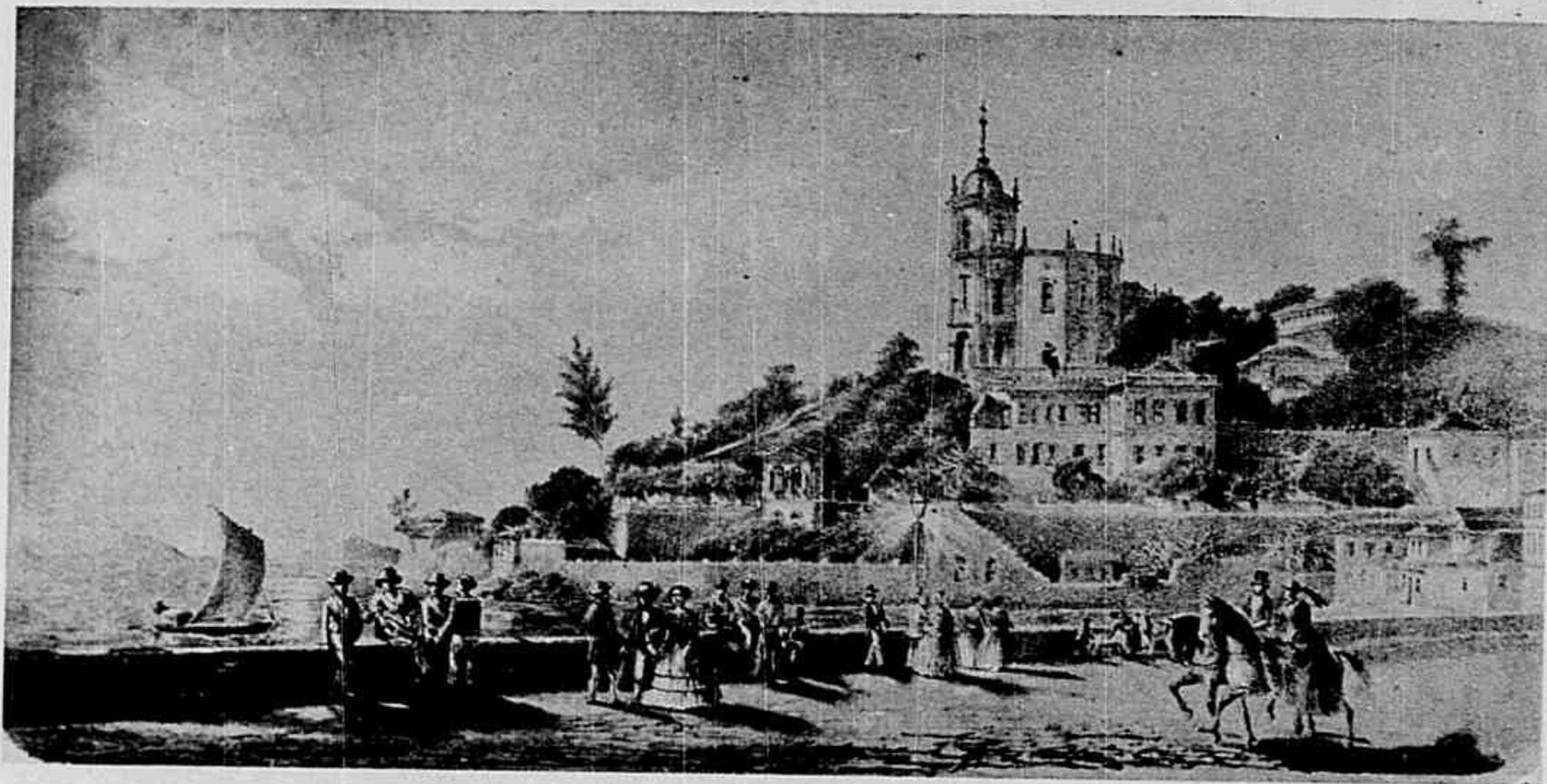
Retirando-se, porém, os Capuchinhos, passou a Capella a ser administrada, como nos primeiros tempos, por grupos de dedicados Irmãos.

A Capella de Nossa Senhora da Gloria é filial á matriz da freguezia do mesmo nome, em tempo desmembrada da de S. José.

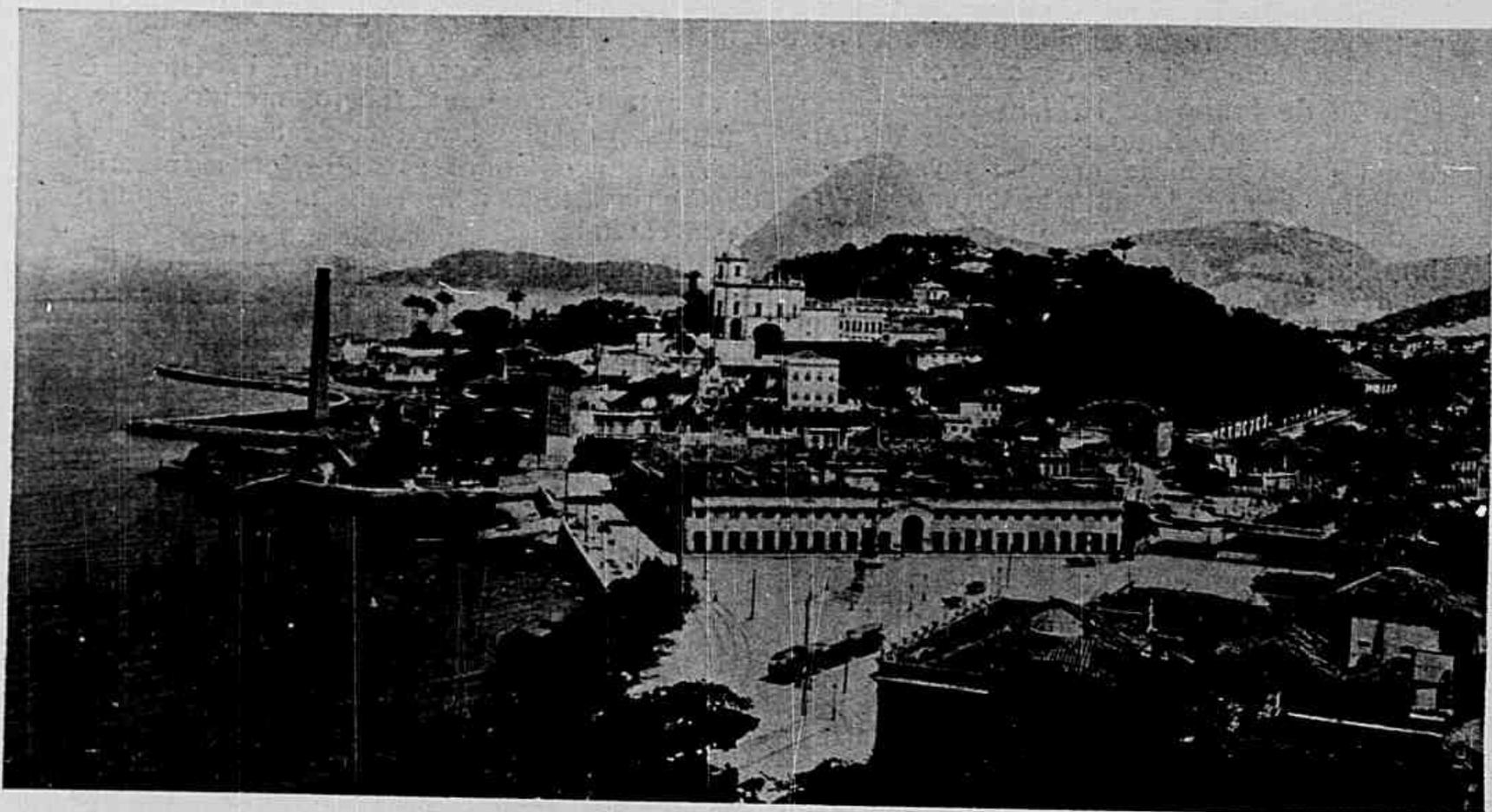
Até poucos annos passados, era a romaria da Gloria a festa mais sumptuosa e popular desta capital.

O monarcha adeantava-se em dar, distinguindo-a com a sua augusta presença, o exemplo de sua fé em Deus e de sua caridade verdadeiramente christã; e, de par com elle, sua familia, sua côrte.

Um facto, d'entre muitos, assignalou a Igreja da Gloria: era, todos os annos, Frei Francisco de Mont'Alverne quem fazia o panegyrico da Virgem; e conta-se que, já cêgo, e bastante velho, descendo a ladeira em coche ladeado por famulos da Casa Imperial, os animaes se espantaram com o estouro das gyrandolas, levando-o de esbarro a uma das paredes: d'ahi a molestia, que victimou o Lacordaire fluminense; d'ahi tambem a circumstancia de ter sido esta a pen'ultima vez, que elle subiu á tribuna evangelica.



A GLORIA EM 1854



A GLORIA EM 1903

NAPOLEÃO

SOCEGUEM os leitores, trata-se apenas da sua mascara em gesso; não é, portanto, um estudo á mais sobre esse vulto arrojado que passou, qual um meteor, por sobre a humanidade, levando o nome retumbante como fragor do canhão á cada canto da Terra; o echo ainda repercute e todos ainda o ouvem.

Muitos commentaram o phenomeno; e favoraveis uns, contrarios outros, nenhum deixou de consideral-o respeitosamente... por *fas* ou por *nefas*.

Já não é difficil um juizo, seja qual for o auxiliar da justiça humana, nesse julgamento.

Depois de Marengo, depois que a sua espada assegurou a integridade da França, esta, sente com orgulho que á elle pertence o maior brilho do sol da sua Historia Politica.

A Italia, a Patria dos Césares, repete que elle se chamava BUONAPARTE.

Eu lêra a historia de Napoleão, pela primeira vez, aos 12 annos ainda; e nem por isso, essa leitura deixou de ser a responsavel por umas tantas cabeças quebradas que, tinham a imprudencia de se oppor á *impetuosidade* das minhas tropas... infantis...

Já lá se foi esse tempo, em que tantos sustos eu preguei ao meu bom, saudoso e amado Pae; o pobre homem vio-se tonto em attender á reclamações que choviam de todas as partes; não poucas vezes, após um *combate memoravel*, eu tinha que *debandar as minhas forças* ante a sua figura sisuda e rispida, quando eu menos esperava, mesmo no calor dos elogios de actos de bravura, em *ordens do dia* verbaes...

Ainda o seu influxo me fez propender para a carreira das armas; estava escrito, porém, que não havia de ser soldado, por diversas causas e entre ellas a revolta de 93.

O Palacio de S. Christovão, tal como se deu com as Tulherias, após o advento da Republica passára de solar de reis á Congresso e depois

á Museu; ouvi dizer que por influencia do fallecido Director deste, Ladislau Netto; por influencia de Quintino Bocayuva, affirma o actual Director—Dr. Lacerda.

Ninguém melhor que o general Bocayuva, poderá resolver este assumpto.

As installações do Museu não estavam ainda completas; havia-as provisórias á par das definitivas, estabelecidas paulatinamente. Em dous salões hoje occupados pela bibliotheca, estavam as «quinquilherias» restantes do Imperio, accumuladas na mais feerica desordem.

Em pesadas estantes de vinhatico que forravam as paredes da primeira sala, estava uma collecção de mineraes que pertencera á D. Pedro de Saxe; diziam os entendidos que ella não tinha valor pela falta de procedencia das amostras; n'uma grande mesa de pinho tosca e solida, desde modélos de appparelhos de physica, até pelles de sucuryes. Caixas varias de commendas, grans-cruzes e joias; estampas, manuscriptos, em um verdadeiro cahos de cousas aproveitaveis e inuteis.

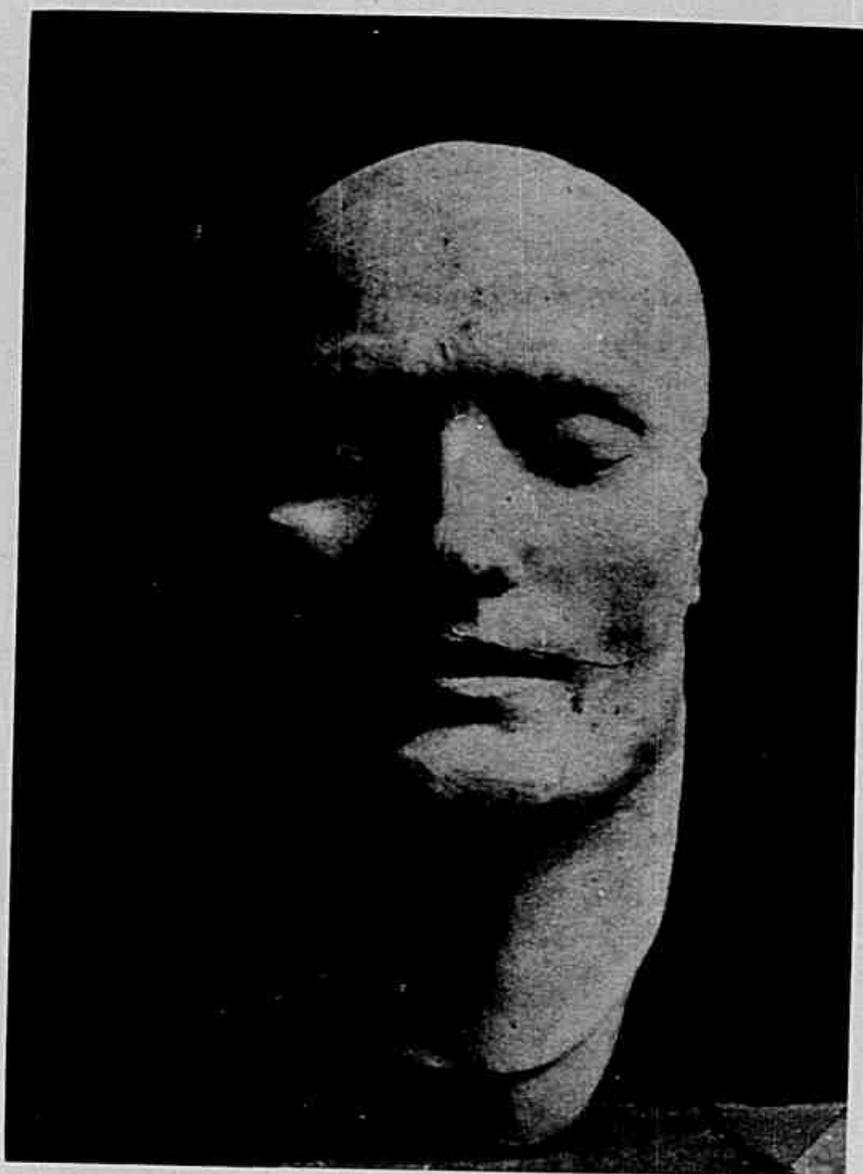
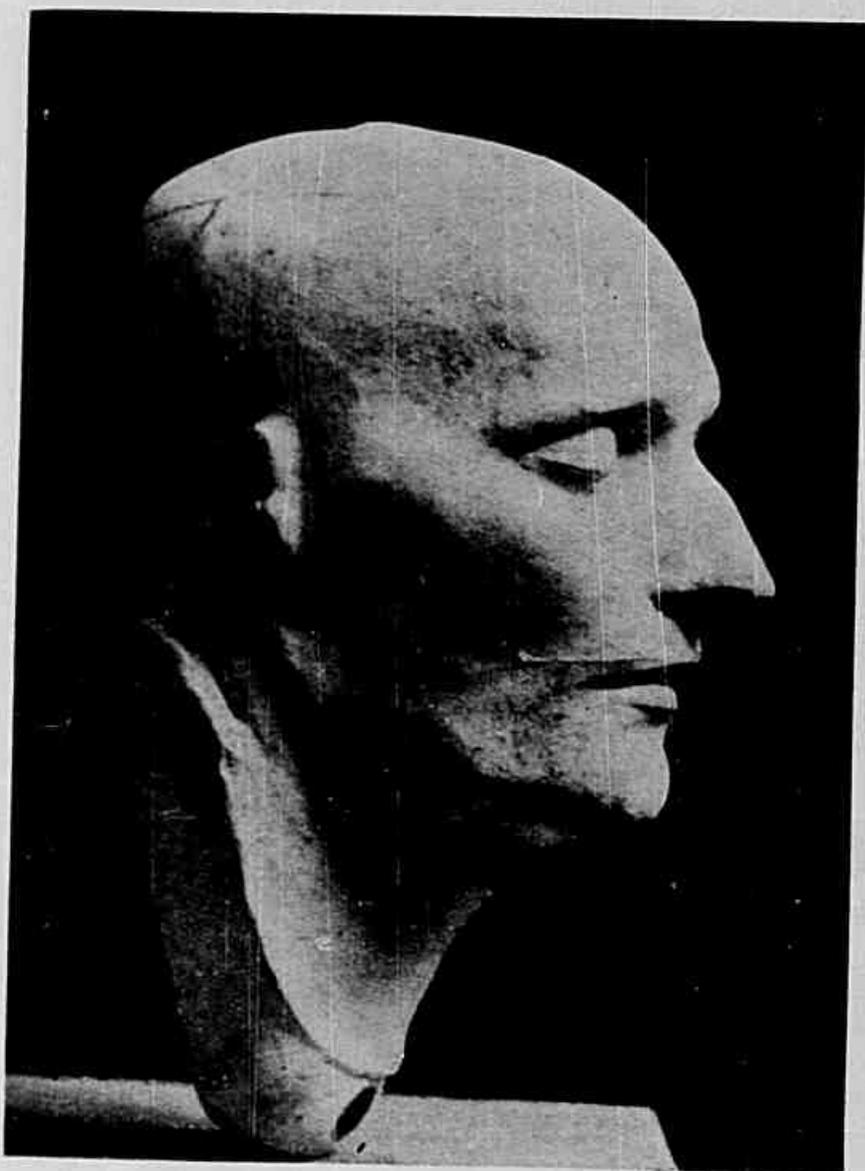
Um dia, sob um monte de pequenas peanhas de cedro, das que o principe empregava para suporte dos seus mineraes, notei certo vulto; retirei as peanhas e no objecto denegrido pelo pó e milagrosamente conservado naquelle logar, deparei com a mascara em gesso de Napoleão I!

Napoleão! Era elle que ali estava sob os meus olhos! Eu que jamais sonhára vêr a reproducção fiel, traço por traço, da face da Aguia Franceza, acabava de retiral-a de sob um montão de lenha!

Era bem a cabeça de um Cesar! Sem a molleza das gravuras e sem o brilho do olhar, aquella physiognomia consubstanciava uma vontade de ferro adormecida; os traços da morte não appareciam; a fronte ampla estava serena e calma, d'ella se havia ausentado a ruga das batalhas.

Talvez que ao troar das derradeiras continencias ella voltasse, n'uma reminiscencia ultima das ultimas famaradas; mas ali, sob a mão do artista que arrancava á morte a effigie Napoleonica, ella fugia, como que contradizendo á todos aquelles que a gravaram. Qual do leão que após a sanha do combate repousa e adormece, conscio e soberbo de si mesmo, não sentindo os ferimentos e desprezando o vil antagonista, tal essa effigie se mostrava, inteiramente acima da estupecção do Mundo.

Por muito tempo, emocionado em extremo, eu contemplei, no gesso, a face do dominador dos reinos, do autor do Imperio do Brasil.



MASCARA EM GÊSSO DE NAPOLEÃO I

Trabalhava nesse tempo, na secção de Archeologia do Museu, um moço de origem hespanhola.

Jubiloso do meu achado corri a elle, entreguei-lhe a mascara sagrada, pedi-lhe que á puzesse em exposição. Estava entregue em boas mãos.

Passaram-se dias, mezes, nada! Volto ao homem pergunto pela mascara. Uma evasiva. Afinal, havia desaparecido...

Ah, mas não podia ser! Pois eu lh'a havia entregue! Uma nova caçada foi empreendida com o resultado de reencontrar a mascara, d'esta vez debaixo d'uma escada!

Ao vel-a o homem estava pallido, os bigodes arrepiados e a testa franzida!

— DEIXE ESTE...

Interrompi-lhe a explosão com um discurso de legua e meia. Era a eterna guerra — uns *pró* e outros *contra*. Eu me esqueci que éras hespanhol; mas eu sou brasileiro e

quero a mascara de Napoleão limpinha da silva e no armario.

D'ahi por diante o amigo mudou. Esmerrou-se com habilidade rara em retirar a camada de pó que se havia incrustado na mascara sem prejuizo do gêsso, o que conseguiu após não pequeno esforço.

E hoje, Napoleão I figura no Museu de S. Christovão.

Essa mascara é de especial valor, tendo-se em vista que ella foi encontrada entre objectos da Família Imperial, de que faz parte o Conde D'Eu.

Por esse motivo, eu dei credito ao que me contaram de ser ella uma das tres primeiras authenticas, tiradas em Santa Helena e que pertencia á Família d'Orleans.

Seja como for, é bem a effigie de Napoleão o Grande que hoje apresentamos aos leitores de *Kósmos*, graças á bondosa permissão do Dr. Lacerda, Director do Museu e

do Dr. Sergio de Carvalho, professor da secção de Anthropologia daquelle estabelecimento.

O Museu já possuiu outro Napoleão, mas este é em retrato... um tapete dos Gobelinos. Digo já possuiu porque hoje este tapete *pertence* ao Dr. Rego Barros.

Essa mutação é meia complicada, porem a sua historia veridica é a seguinte:

De ha muito eu ouvia fallar n'um Gobelino celebre, representando Napoleão corôado de louros; n'uma pequena saleta onde, no Museu, toda a fina flor do seu pessoal se reunia, do meio-dia á meia hora, para saborear uma chicara de café, muitas vezes se fallou na ausencia desse tapete. Segundo os Srs. Manoel da Motta Teixeira e Eduardo Teixeira de Siqueira, o ultimo lugar que elle occupou foi sobre uma porta que dava para o aposento particular do Director do Museu, no periodo da exposição anthropologica. Acabada esta cada objecto foi para seu lugar, o quadro porém lá ficou e d'ali foi passado para os aposentos d'aquelle funcionario que, infelizmente para este assumpto, teve de se ausentar para uma exposição de Chicago e, ao voltar de lá, foi aposentado e veio fallecer tempos depois, em consequencia de uma apoplexia. N'esse entremeio o Museu mudou-se para a Quinta da Boa Vista e os affazeres da nova installação occuparam o seu pessoal até que, sob o ministerio do Sr. Dr. Amaro Cavalcanti, já sob a direcção do Dr. Lacerda, o referido tapete foi exposto na principal rua do Rio de Janeiro.

A reclamação foi prompta, ficou porém sem resultado, pelo motivo que adiante se verá.

Muito mais tarde, já no ministerio do Dr. Epitacio Pessoa, appareceu em annuncios do leiloeiro A. de Pinho o dito tapete. O Director do Museu, n'esse dia, havia se ausentado do estabelecimento, á serviço; e o Secretario, tomando o bond correu ao Ministerio do Interior. O Sr. Ministro lá não estava.

N'essa epocha o Dr. Epitacio accumulava ás funcções de Secretario da Justiça e Interiores á de Secretario da Viação e Obras Publicas. O Secretario do Museu, ali foi procurar o Ministro; S. Ex. devido aos affazeres não recebia ninguem, disse-me o continuo—Mas depois de instancias foi o funcionario do Museu admittido á sua presença. O Ministro recebeu o de frente enrugada e elle, sem preambulos apontou-lhe o annuncio do Gobelino e lhe disse—*pertence* ao Museu. A

resposta foi prompta: Vá ao Chefe de Policia *em meu nome* e diga-lhe que tome as providencias necessarias.

Lá foi se foi o homem ás carreiras bater á porta desta autoridade que é, no momento o Dr. Enéas Galvão. A porta estava perra... mas a phrase magica—*em nome do Ministro* virou-lhe os goncos como por encanto.

Sua excellencia, com um sorriso gentil, ouvi-o attentamente: Vou mandar apprehender o tapete, o processo, porém, não é regular assim; o Sr. traga-me amanhã um officio do Director, pedindo a providencia. E ali mesmo, pelo telephone, expedio ordens para a apprehensão do Gobelino. Quando o Dr. Lacerda, Director do Museu chegou á repartição no dia seguinte, á hora do costume, foram-lhe communicadas as providencias tomadas a respeito e por elle foi expedido o officio necessario que foi levado ao Chefe pelo proprio Secretario do Museu.

Não se tem bem certeza, disse o Chefe, que Gobelino pertença ao Museu; ha uma carta do Dr. Amaro Cavalcanti dizendo que não ha provas decisivas...

Mas enfim, o caso vae ser resolvido do melhor modo—Dr. Machado Guimarães, tome conta disto.

Os jornaes fallaram n'esta historia e entre elles, *O Dia*, redigido pelo Sr. Dunshee de Abranches, negou que o Gobelino pertencesse ao Museu para depois concordar no contrario, conforme se lê de suas columnas de 10 de Janeiro de 1901:

Um tapete no tapete da discussão

Do Sr. A. de Miranda Ribeiro tivemos o prazer de receber hontem a carta que abaixo transcrevemos:

«Em 19 de janeiro de 1901.—Sr. redactor chefe do jornal *O Dia*.—Lemos hoje nas columnas do vosso jornal a varia que se refere á uma tapeçaria reclamada pelo Museu á Policia.

E' exacto que se trata de—uma inestimavel reliquia cuja posse os colleccionadores ambicionaram—como bem diz o vosso jornal, porém, o que é inexacto é—nunca ter ella pertencido ao Museu Nacional.

O famoso gobelino—nunca foi offerecido por D. Pedro de Alcantara ao conselheiro Ladislau Netto, que, aliás, é o primeiro a affirmar que o gobelino fazia parte das collecções de Archeologia e Numismatica do Museu descrevendo os objectos contidos no salão n. 9 do antigo estabelecimento do campo do Accla-

mação. De facto, na pagina 286 do volume das — «Investigações historicas e scientificas sobre o Museu Imperial e Nacional, acompanhadas de uma breve noticia *de suas colleccões*» que é o livro a que vimos nos referindo e que junto vos enviamos, podereis ler: — «Apontaremos, entre outras produções, o busto do grande Raphael Sanzio, modelado sobre trabalho original em marmore que orna o topo das lageas do Vaticano; a do escultor dinamarquez Thorwaldsen; um Camafeu — trabalho muito delicado do artista João Manso, e *um retrato de Napoleão I sobre tapete, tecido na famosa fabrica de Gobelinos e representando este heróe coroado de louros e vestido com o manto imperial.*»

Crêmos, Sr. redactor, que bastaria a asseveração do Dr. Netto para provar o direito do Museu, quando faltasse outra prova; entretanto, para vos mostrar que não tinheis razão quando na vossa local disseste — «não foi em tempo nenhum propriedade do Museu, nem consta de catalogo algum daquelle estabelecimento de arte», vos convidamos, em nome do actual Director, á vir até esta secretaria, afim de verificardes que já em 5 de agosto de 1844, Fr. Custodio Alves Serrão conhecia a cubiçada tapeçaria, como componente das colleccões do Museu.

Nessa epocha, o Dr. Netto teria quando muito, cinco annos de idade.

Terminamos, apresentando-vos os protestos da nossa consideração e assignando-nos vosso attento admirador e creado *A. de Miranda Ribeiro*, secretario do Museu Nacional do Rio de Janeiro.»

Provém das praprias asserções desta carta, que ali deixamos transcriptas, o prazer que experimentamos.

A missiva do secretario do museu nacional destroe as asserções que, com a resalva do *informam-nos agora* publicamos em nossa edição de hontem.

Em que pese porém ao informante, de cuja honorabilidade nada nos autorisa a duvidar, ellas confirmam as informações da redacção d'*O Dia*, que em 17 de janeiro, ao levantar a lebre, claramente attribuiu ao museu nacional direito de posse ao gobelino, e bem o accentua neste periodo, quasi ao final da noticia:

«Era uma reliquia de alto valor e D. Pedro de Alcantara houve por bem mandal-a para o nosso museu.»

Resta-nos portanto agradecer ao Sr. Miranda Ribeiro o favor de sua carta que nos honra e nos é lisonjeira, porquanto nos dá ensejo de affirmar mais uma vez que *O Dia* difficilmente erra em materia de informação.

E quaes foram as providencias da Policia?

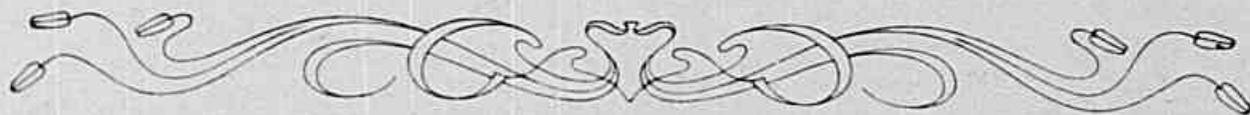
O Dr. Machado Guimarães pedio as provas. Foram-lhe entregues além das indicações acima a do livro do Ladislau Netto cujo trecho acima se lê um outro livro da Bibliotheca do Museu... Foram-lhe apresentadas duas testemunhas oculares — Eduardo Teixeira de Siqueira e Manoel da Motta Teixeira. Essas duas pessoas (o primeiro é hoje Assistente interino da secção do Zoologia e o segundo foi Bibliothecario do Museu) em companhia do Secretario, esperaram *tres horas* pelo delegado, na chefatura de policia, emquanto este conversava com o advogado do Dr. Rego Barros, Lente de economia politica da Escola Naval, para depois mandal-os ouvir sob as vistas desse advogado.

D'ahi por diante tudo cessou, fez-se silencio absoluto em torno d'esse assumpto.

Eis porque o Gobelino de Napoleão não está no Museu, apesar dos documentos irrefutaveis que provam o direito desse estabelecimento.

Rio, III — 1907.

ADEMIR



OFFICINA TYPOGRAPHICA DE

J. SCHMIDT

IMPRESSÕES ARTISTICAS, TRABALHOS

COMMERCIAES, CATALOGOS ILLUSTRADOS,

CARTÕES POSTAES COM VISTAS ETC.

62, RUA DA ASSEMBLÉA, 62

* * * * * RIO DE JANEIRO * * * * *